

CONSTITUIÇÃO SINODAL



DIOCESE DE SANTO ANDRÉ



CONSTITUIÇÃO SINODAL



DOM PEDRO CARLOS CIPOLLINI



FOTO: PASCOM DIOCESANA / COMUNICAÇÃO DO SÍNODO



Prot. 1851/35

DECRETO

O Sínodo Diocesano é o instrumento por excelência para auxiliar na determinação e organização canônica e pastoral da Igreja diocesana (cf. cân 460). Trata-se do evento de comunhão e participação que exprime a índole e a natureza da Igreja. A partir da sinodalidade, dimensão constitutiva da Igreja, o rebanho “caminha junto”, tornando efetiva e eficaz a participação de todo o Povo de Deus na evangelização.

Assim, tendo sido convocado o primeiro Sínodo Diocesano da Diocese de Santo André em 13 de novembro de 2016, foram realizadas as Sessões Sinodais Gerais após as Sessões nas Paróquias e nas Regiões Pastorais, além das Áreas Pastorais. Nelas participaram todos os segmentos da Igreja Particular de Santo André, percorrendo um itinerário no qual houve massiva participação. Foi concluído com a Assembleia Sinodal em 15 de novembro de 2017.

De todo este processo resultou a CONSTITUIÇÃO SINODAL, a qual, por este decreto, promulgamos com força de lei para a Igreja de Santo André, validando-a e fazendo-a publicar (cf. cân 466; cf. *Apostolorum Successores*, 171).

Anexo à Constituição Sinodal publicamos o 8º Plano Diocesano de Pastoral cujas disposições são válidas no quinquênio 2018-2022.

Que a partir do itinerário realizado e do trabalho desenvolvido, nossa Diocese possa assumir com verdadeiro ardor o “Sonho missionário de chegar a todos” (EG 31), colocando em prática as determinações sinodais que passam a vigorar a partir desta data.

São Bernardo do Campo, Grande ABC, 6 de abril do Ano da Graça do Senhor de 2018, Cerimônia de Entrega da Constituição Sinodal, oitava da Páscoa.

Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo Diocesano de Santo André

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> sobre o apostolado dos leigos
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> sobre a atividade missionária da Igreja
AL	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
CAEP	Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i> sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
ClgC	Catecismo da Igreja Católica
Civ. Dei	<i>De Civitate Dei</i> (A Cidade de Deus)
COMIDI	Conselho Missionário Diocesano
COMIPA	Conselho Missionário Paroquial
CPP	Conselho de Pastoral Paroquial
DAp	Documento de Aparecida
DD	Carta Apostólica <i>Dies Domini</i>
DDSD	Diretório Diocesano dos Sacramentos – Diocese de Santo André (2007)
DGAE	Documento 102 da CNBB – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil(2015-2019)
DOC 100	Documento 100 da CNBB – Comunidade de Comunidades: uma Nova Paróquia
DOC 105	Documento 105 da CNBB – Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a revelação divina
EE	Carta Encíclica <i>Ecclesia de Eucharistia</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no mundo hoje
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INPES-USCS	Instituto de Pesquisas da Universidade de São Caetano do Sul
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> sobre a Igreja
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
NMI	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i>
PASCOM	Pastoral da Comunicação
PF	Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio <i>Porta Fidei</i>
RFIS	<i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> sobre a Sagrada Liturgia
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> sobre o ecumenismo

SUMÁRIO

Decreto	3
Siglário e Abreviaturas	4
Palavra do Bispo	7
Nas mãos de Deus que dirige todas as coisas	7
Introdução	13
O lema de nosso Sínodo: "O sonho missionário de chegar a todos"	13
Parte I - Olhando com atenção misericordiosa o povo, a cidade e a Igreja	15
1. O histórico da Fé	16
2. Vivência da Fé em nossa atualidade	18
3. Ouvindo as comunidades	21
4. Olhando a realidade	27
5. O presente e o futuro da fé nas comunidades	31
Parte II – À luz da fé e da esperança	35
1. Ser Igreja na cidade	36
2. Princípios da Fé	41
3. O exercício da Fé	43
4. Os agentes de Pastoral	47
Parte III – A Caridade nos impulsiona à Acolhida e Missão	55
1. Pastorais ontem e hoje	56
2. Áreas Pastorais: A organização diocesana	58
3. Quais os rostos dos amados de Deus?	65
4. Ação Pastoral que deriva da sinodalidade	70
5. Pistas de ação para as Áreas Pastorais	77
Parte IV – 8º Plano Diocesano de Pastoral	83
1. Breve histórico da articulação Pastoral Evangelizadora no Grande ABC	84
2. O Processo Sinodal	86
3. Prioridades Pastorais eleitas	88
4. Entendendo as Prioridades Pastorais	88
5. Acolhimento é Missão	91
6. Plano de Ação Pastoral	91
Agradecimento	103

ROMARIA DIOCESANA NOSSA SENHORA DO PILAR - RIBEIRÃO PIRES - FOTO: PÁSCOM DIOCESANA



PALAVRA DO BISPO

Nas mãos de Deus que dirige todas as coisas

1. Aos amados presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, consagrados, seminaristas, agentes de pastoral, coordenadores de comunidade, membros dos CPPs e CAEPs de nossas paróquias e a todo o povo de Deus, da Igreja que peregrina no Grande ABC e ainda às pessoas de boa vontade, que sonham com um mundo permeado pelos valores do Reino de Deus anunciado por Jesus nosso Senhor e Mestre:

2. Todos percebemos que estamos imersos em um tempo de profundas transformações, consequência de mudança de época. O mundo globalizado mudou muito, a Igreja também mudou, dentro de uma experiência religiosa pluralista e difusa. Estamos em uma encruzilhada, como sociedade e também como Igreja presente aqui no Grande ABC. Já não podemos continuar existindo do mesmo jeito só “porque sempre foi assim”. São João Paulo II já advertia: “Deixou de existir, mesmo nos países de antiga evangelização, a situação de *sociedade cristã* que, não obstante as muitas fraquezas que sempre caracterizam tudo o que é humano, tinha como ponto de referência os valores evangélicos. Hoje, tem-se de enfrentar com coragem uma situação que vai se tornando cada vez mais difícil” (NMI 40).

3. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja virou a página para frente, aceitando o convite de Jesus para “pescar em águas mais profundas” (Lc 5,4). Sem perder de vista as conquistas do passado que são alicerces para novas respostas a novas perguntas, somos desafiados a passar de uma pastoral de mera manutenção ou conservação, para uma pastoral decididamente missionária. A evangelização, a missão, o anúncio do Reinado do Pai misericordioso continua a ser a fonte maior da missão e alegria para a Igreja.

4. Na América Latina, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe realizada em Apa-



PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA - ABCIPAULISTA - FOTO: PASCOM DIOCESANA

“

Há uma incompatibilidade entre a realidade de exclusão na qual vivemos e o Reino da Vida para todos, pregado por Jesus.

”

recida em maio de 2007, foi um marco na caminhada da Igreja do Continente. Foi um ponto de chegada e de partida, no empenho para dar continuidade à aplicação do Vaticano II, satisfazendo à exigência atual de responder a novos desafios. Quais desafios? A emergência da subjetividade individual, a globalização mercantilista e sem solidariedade, a emergência de uma nova consciência planetária, os novos rostos dos pobres e excluídos, a urbanização com a fragmentação do tecido social com seu rastro de violência e solidão.

5. Há uma incompatibilidade entre a realidade de exclusão na qual vivemos e o Reino da Vida para todos, pregado por Jesus. Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, os trabalhos bem feitos por amor. É tendo no horizonte o Reino que, devemos recomeçar sempre como em um novo Pentecostes, que nos impulse a uma conversão pastoral, uma renovação eclesial, uma Igreja da acolhida e em estado permanente de missão, como discernimos nos trabalhos de nosso Sínodo Diocesano.

6. Ouvimos repetidamente o chamado para sermos uma Igreja de discípulos missionários de Jesus Cristo, para que nele todos tenham vida. A meta da missão é o Reino da Vida plena para todos, em atitude de diálogo e serviço ao mundo. O sujeito da missão é a comunidade eclesial como um todo para que ela por sua vez possa ser missionária, pois esta é a vocação da Igreja. Nosso compromisso com a vida exige

trabalho, oração e convivência; não consiste exclusivamente em ações (cf. EG 94). O que o Espírito Santo nos propõe não é um excesso de ativismo, mas uma atenção e acolhida do outro. É o testemunho da Caridade na sociedade, como solidariedade cristã.

7. Como resultado de um percurso emocionante e empenhativo, nossa Diocese realizou seu primeiro Sínodo Diocesano. Ele, como um todo, foi um alerta tanto pelo que vimos e ouvimos dos muitos participantes que nele tomaram parte, como pelo que dele emergiu como tarefa a ser assumida e realizada na vida pastoral evangelizadora de nossa Igreja. Chamo a atenção, em especial, para a pesquisa realizada e por nós analisada. Destaco alguns pontos essenciais que emergiram no transcorrer das atividades do Sínodo e que desejo não somente compartilhar, mas propor à nossa Igreja como elementos a serem incluídos na nossa dinâmica pastoral daqui em diante, juntamente com o documento final, ou seja: a Constituição Sinodal que é normativa para nossa Diocese.

8. *Pertença à Igreja.* “Cristo, Reino e Igreja são inseparáveis” (RM 18). Torna-se mais que nunca necessário o empenho para fortalecer a presença pública da Igreja, frente ao enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e até mesmo, enfraquecimento da pertença à Igreja, devido ao secularismo, hedonismo e proselitismo de outras denominações religiosas. Nem sempre é fácil descobrir nas grandes cidades como as nossas, a presença de Deus. São as comunidades que revelam o rosto da Igreja como Corpo de Cristo, Povo de Deus em comunhão na força do Espírito Santo. A Igreja é nosso eu plural, sacramento de salvação.

9. A cultura urbana como tal, inserida na cultura globalizada, nos confronta diariamente com novos desafios, quais sejam: revelar Jesus, empenhar-se pelo bem comum a partir da fé e promover a dignificação do ser humano como filho de Deus. Ressaltamos a importância fundamental da acolhida, da Iniciação Cristã, da Palavra e da Eucaristia. Vamos assumir o desafio de formar paróquias como *comunidade de comunidades*, superando o estilo tradicional de paróquia centrada na “matriz”. Precisamos superar o paroquialismo, ou seja, o fechamento em nossas paróquias. Neste sentido, a articulação pastoral em nível regional e diocesano é uma exigência urgente para nós.

10. *Empunhar o estandarte da cruz libertadora em comunhão missionária.* A cruz faz parte da fé. Antes de tudo, não podemos esquecer que a identidade cristã é marcada pela entrega de Jesus na

cruz: morrendo deu-nos a vida, libertando-nos da morte. Contagiados pelo frenesi cultural de hoje, também os agentes de pastorais sofrem uma ânsia de chegar a resultados imediatos. Vivemos situações que significam uma contradição, um aparente fracasso, uma crítica... Deve-se ver a cruz em outra ótica, para além do fracasso, na perspectiva da ressurreição. Num mundo de tanto sofrimento, o cristão pode ser um derrotado na primeira instância, mas é sempre um vencedor na última. "O triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal" (EG 85). A missão, a Igreja "em saída" surge do encontro com o crucificado-ressuscitado que envia em missão permanente. A Palavra de Deus e a missão devem permear todas as atividades de nossa Igreja. Somos impelidos a sair da área de conforto para unirmo-nos a todos os que se entregam para difundir o Reino de Deus.

11. *Evangelho da Misericórdia e defesa da vida.* A partir da cruz, a Igreja anuncia o Evangelho da misericórdia que pelo amor à humanidade, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças (cf. EG 188). A misericórdia para com os famintos, os pobres e os que sofrem é a chave do céu (cf. Mt 25,34-40). É no fogo do Espírito em Pentecostes que acreditamos em Jesus Cristo morto e ressuscitado, que revela e comunica a misericórdia infinita do Pai (cf. EG 164). A associação aos pobres corresponde ao caminho mais seguro da salvação. A Igreja em seu profetismo é a advogada dos pobres (cf. DAp 553). Por isso, a nossa tarefa é fazer dos interesses dos pobres, os nossos próprios interesses e colocar a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres (cf. EG 97). Para sermos esta Igreja solidária (samaritana), sempre presente na realidade social, muito nos pode ajudar o conhecimento da Doutrina Social da Igreja que devemos divulgar, a fim de implementarmos as pastorais sociais da Igreja na busca do bem comum e defesa da dignidade da pessoa humana (cf. EG 182-184).

12. A renovação eclesial passa também pelo esforço de uma ação pastoral pensada a partir das pequenas comunidades, passando pelas paróquias e desembocando em uma pastoral orgânica, diocesana, de conjunto, à qual precisamos aderir com lealdade e entusiasmo. Por isso, ao mesmo tempo em que agradeço aos ministros ordenados, aos presbíteros e diáconos de nossa Igreja, aos consagrados (as), aos seminaristas, aos leigos, que generosamente se entregam ao trabalho

exigente do dia a dia, exorto-os a assumirem este momento novo de nossa Diocese. Momento exigente, mas gratificante. Muito dependerá do empenho e dedicação de cada um o desenvolvimento futuro das resoluções sinodais e do nosso 8º Plano de Pastoral dele decorrente. Coragem, não desanimem, porque a messe é grande e os operários são poucos: Jesus está conosco todos os dias até o fim, como prometeu (cf. Mt 28,20).

13. O Plano Diocesano de Pastoral é uma resposta consciente e eficaz para atender às exigências da evangelização no mundo de hoje, com indicações programáticas concretas para nossa Igreja Particular de Santo André. Além disso, em espírito de comunhão e sinodalidade eclesial, todos os que participaram do discernimento, tomada de decisão e planejamento de nosso Sínodo Diocesano, devem se empenhar na sua execução (cf. DAp 371). Sem o comprometimento e o protagonismo dos leigos e leigas, agentes da pastoral e da evangelização, é quase impossível missionar certos lugares que exigem atitudes de missionários e não funcionários.

14. Precisamos nos convencer que o estilo rígido, tendente à uniformidade, não é adequado para a nossa realidade urbana. Precisamos crescer na unidade com diversidade, na comunhão e participação. É preciso estarmos todos decididos a seguir Jesus Cristo, cuja tarefa principal foi dar testemunho do amor ao Pai e ao próximo, com obras concretas. Assim, o testemunho é o primeiro anúncio missionário da Igreja em saída. Saída que exige prudência e audácia, coragem e ousadia.

15. Invocamos a proteção de Santo André Apóstolo, nosso padroeiro, que nos ensina a levar os dois peixes e os cinco pães, para facilitar a Jesus o milagre da multiplicação dos pães. Invocamos a Virgem Maria, mãe de Jesus e nossa, primeira na fé e nossa companheira, na aventura da missão evangelizadora. A ela, à Senhora do Carmo, confiamos o resultado de nosso Sínodo Diocesano.

16. Enfim, o documento final do Sínodo Diocesano é um convite a realizarmos uma conversão e mudança na mentalidade pastoral. Acreditemos no amor de Deus por nós. Ele é bom e não desiste de nós. Este amor tudo pode e jamais passará. Este amor nos dá uma fé adulta capaz de reconhecer as dificuldades e superá-las dia após dia, na esperança que não decepciona. Avancemos com esperança e paz, fazendo nossa parte e deixando o resultado nas mãos de Deus que dirige, em último caso, todas as coisas.

CONVOCAÇÃO DO SÍNODO DIOCESANO - FOTO: PASCOM DIOCESANA

Sínodo Diocesano
"O Sínodo tem a missão de chegar a todos"

REGIÕES PASTORAIS
DA DIOCESE



"Cristo será tudo em todos" (Cl 3,11)

17. Nossa Diocese já tem uma longa e significativa caminhada evangelizadora de comunhão e participação, caminhada que avança promulgando agora seu 8º Plano Diocesano de Pastoral. Todos eles frutos do nosso grande amor pela Diocese. Frutos do desejo de estarmos sintonizados com os sinais dos tempos para levar o Evangelho. A caminhada que fizemos rendeu-nos muita experiência e foi um grande aprendizado para todos. Entre os muitos frutos colhidos nesta experiência sinodal, conhecer e amar mais ainda a Jesus, seu projeto do Reino e a sua Igreja presente no Grande ABC foi, certamente, o maior deste amoroso caminhar. Nós invocamos o Espírito Santo e Ele se fez sentir, como em Pentecostes, inspirando nossa Igreja a ser acolhedora e missionária. Ao longo deste texto retomaremos a história diocesana com seus Planos de Pastoral e nestes passos avançaremos, entre os sinais dos tempos, na fidelidade às opções de Jesus Cristo e ao Reino por Ele proclamado.

18. Para a elaboração de nosso 8º Plano de Pastoral, foi convocado e realizado o Sínodo Diocesano que mobilizou a Igreja Particular de Santo André (desde sua preparação e convocação em 16 de novembro de 2016, até seu encerramento em 15 de novembro de 2017) para análise da realidade e proposição de novos rumos para o trabalho pastoral. Pela Tradição e pelas leis de nossa Igreja, as resoluções sinodais e as coordenadas de pastoral dele emanadas e sancionadas pelo Bispo Diocesano, chamam-se Constituição Sinodal e tem força de lei.

O lema de nosso Sínodo: “O Sonho missionário de chegar a todos”

19. Como Igreja Diocesana, somos iluminados pelo Magistério do Papa Francisco à aplicação prática desses elementos fundamentais ao contexto em que vivemos. Deste modo, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, um pensamento norteou nossos trabalhos sinodais: “o Sonho missionário de chegar a todos” (EG 31), um ideal que possui grande abrangência pastoral e é a síntese de um pensamento cujas partes possuem:

a) Sonho

20. Na Bíblia, o sonho é uma das maneiras de Deus se comunicar (sonho de Jacó - Gn 28,10-22; sonho dos magos Mt 2,12; sonho de José Mt 2,13). Mas o sonho é também expressão de um desejo muito significativo que temos na vida. Sonhar, assim, não é algo romântico ou ilusório. É desejar algo ardentemente, ou desejar que se realize um objetivo. A Igreja surge para atingir um objetivo: servir ao Reino de Deus e unir as pessoas a Ele, promovendo a comunhão de todos com Deus e de todos entre si. Para realizar este sonho na fé, chegando a este objetivo, é necessário ter esperança de que um dia se realizarão as promessas de Deus para nós e “Cristo será tudo em todos” (Cl 3,11) com “novos céus e nova terra” (Ap 21,1).

b) Missionário

21. Nosso sonho é missionário porque essa é a natureza da Igreja (AG 2). Ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo que procedem do Pai. Sendo Sal da Terra, livra da corrupção e preserva a vida; sendo Luz, mostra o caminho para Deus (cf. Mt 5,13). Estamos em uma virada crucial da história (mudança de época cf. DAp n. 44), e a Igreja deve sentir com mais urgência a necessidade de cumprir sua vocação missionária, ser uma “Igreja em saída”.

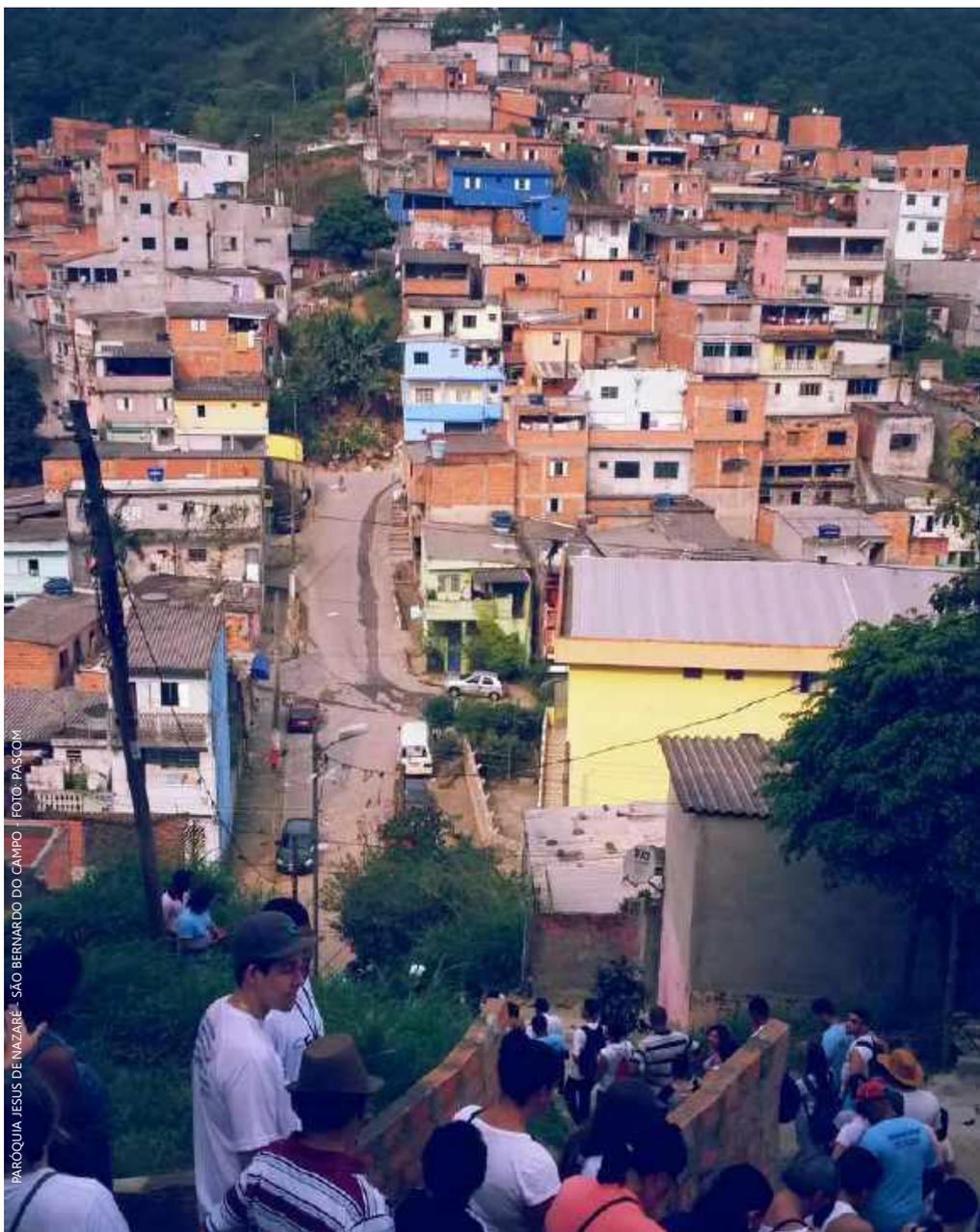
c) Chegar a todos

22. A Igreja continuadora da missão do Mestre deseja chegar a todos, para oferecer-lhes a vida de Jesus (cf. Jo 10,10). Com a “revolução da ternura” do Evangelho (cf. EG 95), a Igreja deseja, através do sair de si, anunciar a todos a alegria da Salvação, ser uma “casa aberta e acolhedora”, um “hospital de campanha” saindo da própria comodidade e tendo a coragem, ousadia e a prudência de alcançar todas as periferias (cf. EG 20, 47, 33, 85).

23. A partir de nosso Sínodo percebemos que é exigido de nós um olhar sempre renovado, com atenção misericordiosa ao povo, à cidade e à Igreja. Iluminados pela fé e pela esperança, somos convocados a renovar-nos na caridade que nos impulsiona à acolhida e à missão.

PARTE I

OLHANDO COM ATENÇÃO MISERICORDIOSA O POVO, A CIDADE E A IGREJA



1. O HISTÓRICO DA FÉ

Lembrando as Origens

24. Somos seres históricos: estamos situados no tempo e no espaço de maneira bem concreta. Da mesma forma, Evangelização pressupõe continuidade no testemunho apostólico, planejar a ação de uma Igreja Particular requer um resgate do fio condutor da história. Deste modo nossa diocese recorda que a região do Grande ABC constituía um local de passagem, onde se fizeram presentes os jesuítas que, em seu itinerário entre o litoral e o planalto, assistiam espiritualmente os moradores daqui. Posteriormente, a região foi revitalizada com a estrada de ferro, que favoreceu a presença da indústria do fim do séc. XIX e que, mais tarde, presenciou seu ápice com a formatação da via Anchieta, que atraiu a maior concentração industrial e operária do país. Assim, os municípios da Região, num curto espaço de tempo, dobraram, triplicaram de população. São Bernardo do Campo, por exemplo, passou de 80 mil para 800 mil pessoas com a migração em vista do trabalho.

25. Surge uma consciência nova, a partir do trabalho, de direitos da base, fruto da concentração operária, animados pela presença da Igreja, sobretudo na pessoa dos dois primeiros bispos – Dom Jorge Marcos de Oliveira e Dom Cláudio Hummes – que ofereceram a mão ao operariado, a título de exemplo, no envio de alimentos para a histórica greve de Perus em 1962 e na proteção aos operários reunidos na Basílica da Boa Viagem (Matriz de São Bernardo do Campo) em 1980.

26. Ainda na década de 80, quase 70% dos postos de trabalho eram na indústria. Não é por acaso que, depois do Ato Institucional 5, o abalo da ditadura, foi aqui no ABC, favorecendo o início das greves operárias, iniciadas em 1978 até a grande greve de 1980. A consciência do país, no campo social, no campo político, mas também no campo religioso, passou pela história do Grande ABC e provocou grandes mudanças no nosso contexto:

Uma região de profundas mudanças

27. A concentração industrial provocou um intenso fluxo migratório para nossa região. Todo fenômeno de migração implica uma mu-

dança de paradigma para aqueles que se deslocam, pois fragiliza suas referências. Desse modo, a vida em meio a um ambiente cultural, econômico, político diferente pode suscitar uma rápida readequação de modelos, como a prática religiosa nos meios rural e urbano (de cunho devocional para uma dimensão mais engajada).

28. Não é de se admirar que a mudança comporte também a conversão entre confissões de fé, como se verificou nas recentes pesquisas sobre a pertença religiosa no ABC, que indicam aumento de denominações evangélicas e, no caso de pessoas sem religião, ocorreu o dobro em relação à média nacional (7% x 15%). Percebe-

-se que Jesus Cristo e sua proposta, para muitos habitantes de nossas cidades, já não tem significado organizador para suas vidas (cf. PF 2).

29. Quem habita as cidades atuais, vive em um contexto de pluralismo religioso. "O pluralismo liberta as pessoas de normas fixas, mas também as desorienta pela perda de referências fundamentais e gera a fragmentação da vida e da cultura"(DOC 100, 24). Emerge, então, a perda do sentido comunitário da fé, com a privatização da experiência religiosa e a ressignificação dos conteúdos tradicionais da fé. "A participação na vida eclesial tornou-se, cada vez mais, uma opção numa sociedade pluralista" (DOC 100, 24).

30. O desafio é evangelizar, passando de uma realidade de hegemonia católica, de quase monopólio religioso, para uma situação de extrema diversidade, proselitismo, inclusive com concorrência religiosa, algumas vezes sem convivência pacífica, gerando até violência religiosa. Isto favorece a liberdade na identificação religiosa, já que não há uma pressão social para seguir esse ou aquele caminho. É socialmente viável escolher ser: um católico mais comprometido ou não; escolher ir para outra religião ou ainda escolher de não ter religião nenhuma, sem que disto decorra coerção social.



2. VIVÊNCIA DA FÉ EM NOSSA ATUALIDADE

Dados da Pesquisa

31. Ver e ouvir a realidade da presença e da missão da Igreja em nosso mundo tão complexo demanda instrumentos adequados de análise, inclusive com o apoio das ciências humanas. Se alguém quer construir uma torre, deve primeiro sentar-se para calcular os gastos, a fim de levar com segurança o projeto a termo (cf. Lc 14,28). Por isso, a Diocese de Santo André contratou os serviços do *Instituto de Pesquisa da Universidade de São Caetano do Sul (INPES-USCS)*. Esta pesquisa foi uma das atividades preparatórias para o Sínodo. Foram três meses de análises em nível quantitativo e qualitativos com mais de três mil pessoas envolvidas nas sete cidades, produzindo dados relevantes sobre a temática político-econômico-cultural-religiosa.

32. Dentre tais dados destacam-se a diminuição gradual dos católicos, hoje 46% dos habitantes. O aumento de 14,7% dos que se dizem “evangélicos” e a quantidade crescente de pessoas que se declaram “sem religião” (9,4%), pessoas que, crendo ou não na existência de Deus, manifestam sua religiosidade de forma alternativa ou não se vinculam a nenhuma instituição ou religião.

Diferença dos índices entre as cidades do Grande ABC

33. À semelhança de outras realidades metropolitanas com sua característica híbrida, dinâmica e mutável, de múltiplas formas, valores e estilos de vida que afetam todas as coletividades (cf. DAp 58), a atual configuração da pertença religiosa no ABC encontra paralelo com fatores de ordem cultural, econômica e geográfica. Cidades, bairros com uma renda e estudo inferiores concentram maior número de protestantes, ao passo que ambientes com melhores condições reúnem mais católicos, espíritas e pessoas sem religião. As cidades com menor proporção de católicos são, respectivamente, Diadema, Mauá e Rio Grande da Serra; por sua vez, São Bernardo do Campo é a que possui mais católicos.

34. Para além dos centros urbanos mais antigos, onde a presença da Igreja se mostrou mais abrangente, o veloz inchaço populacional em lugares afastados e antes desabitados, criou imensas periferias, dificultando

tando a ação por parte da Igreja; ao contrário de outras denominações religiosas, que, por possuírem uma estrutura mais flexível, foram mais ágeis.

35. Cabe considerar nesta diferença entre os municípios, o IDH – indicador dos elementos que conferem qualidade de vida à população. Há uma realidade de crescimento desta qualidade em todas as cidades do ABC, mas com disparidade. Para exemplificar, São Caetano do Sul possui o índice nacional mais elevado, enquanto Rio Grande da Serra, o menor da região. A Região do Grande ABC é uma das mais ricas do país, mas continua profundamente desigual.

Migração entre cidades e o fenômeno da conurbação

36. Constatou-se na pesquisa que há uma quantidade considerável de pessoas que frequentam templos distantes de suas casas, inclusive mudando de municípios para esta participação, reflexo do fenômeno metropolitano da conurbação (misturar cidades) onde não se consegue distinguir uma cidade da outra.

Participação

37. A frequência religiosa semanal entre os católicos é de 16,6%, em média. Mas há discrepâncias muito grandes entre a participação nas paróquias, chegando algumas a 5%. Um dado preocupante é que ¼ dos católicos não foi à Igreja nos últimos seis meses.

Mudança de religião

38. Os católicos que migraram (2,4%) aparecem genericamente como tendo ido para a Assembleia de Deus (com suas muitas ramificações) seguido pela Congregação Cristã no Brasil (1,6%) e em terceiro, as igrejas batistas e a umbanda (0,8%).

39. As justificativas para a mudança de confissão religiosa apresentadas são: uma maior satisfação ou o descontentamento com modelos tidos como “tradicionais”. Felizmente não se indicaram experiências traumáticas ou ruins com a Igreja Católica que motivassem a migração, apenas em alguns casos de sofrimento (morte de familiares ou doenças), quando não houve assistência por parte da Igreja Católica, mo-

tivaram conversões. Nesse sentido, valoriza-se muito a presença dos membros da Igreja nessas situações, pois, na perspectiva dos que estão afastados da Igreja, quando eles encontram um cristão - ordenado ou leigo - veem neles a Igreja toda. A experiência com uma pessoa é a experiência com toda a Igreja.

Crença dos católicos

40. Católicos, evangélicos e espíritas afirmam crer em Jesus e em outros aspectos da fé cristã: orações (96,7%), Bíblia (95,6%), Anjos (85,6%) e Santos (75,2%). Contudo, nota-se ainda uma confusão nos termos, a ressurreição é crida por 64,4%, mas 43,6% dos católicos acreditam em reencarnação.

Líder religioso

41. O líder religioso é reconhecido publicamente como uma figura próxima das pessoas nas comunidades, para as quais o perfil ideal deste líder deve ser: humilde, cativante, despojado (não ostente bens materiais), acolhedor, que tenha carisma, animado, que entusiasme as pessoas.

A imagem da Igreja e o desejo dos fiéis

42. Os entrevistados valorizam muito a acolhida, entendida como: não ter preconceito, ter liberdade, receber ajuda nos momentos difíceis, sentir-se parte da comunidade, praticar a solidariedade e apresentar alternativas a modelos tradicionais.

43. Entre as alegrias e esperanças (cf. GS 1) a Igreja no Grande ABC, ao mesmo tempo que foi qualificada como fria, ultrapassada, pouco envolvida com as pessoas, com fatos e ações que afastam os fiéis e dotada de horários restritos, também foi tida com grande credibilidade, com trabalhos sociais, séria e com líderes sérios, preocupada com os pobres, buscando a igualdade e promovendo o amor.

3. OUVINDO AS COMUNIDADES

44. O Sínodo, tendo recebido os resultados da pesquisa com os interlocutores externos, também ouviu os membros das 101 paróquias do Grande ABC com suas 264 comunidades através de uma consulta feita aos agentes de pastorais. Desta fase participaram praticamente vinte e sete mil pessoas que deram seu parecer em reuniões com as Pastorais, Movimentos e Associações em nível de comunidade, paróquia, região pastoral e diocese.

Eucaristia: fonte e ápice de nosso ardor missionário

45. Sabendo que o ponto culminante de nosso ser cristão no mundo parte da Eucaristia e a ela retorna (cf. SC 10), os diocesanos identificam o domingo como a grande concentração de nossas comunidades em torno da Palavra e da Eucaristia (cf. DD 32).

46. Esta participação ocorre de maneira massiva no período matutino, que atinge aproximadamente dois terços de participação; considerável também é a décima parte de fiéis que comparecem ao ofício religioso dominical na tarde do dia anterior – sábado (cf. ClgC 2180). Há ainda uma quinta parte dos fiéis que celebram a Eucaristia durante a semana (cf. EE 42), alguns inclusive substituindo o preceito dominical.



FOTO: PASCOM DIOCESANA

Participação sacramental

47. Se, por um lado, o âmbito da Eucaristia semanal atinge, por assim dizer, um número mais estável de pessoas (excetuando-se celebrações exequiais ou sob outras motivações); por outro lado, o atendimento sacramental é uma ocasião privilegiada de encontro com aquela proporção maior de fiéis que, embora se denominando católicos,

não alimentam uma vivência de mais profundidade no seio da Igreja, afinal “interessa muito que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais e recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã” (SC 59).

48. Acerca dos Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã nas Regiões menos populosas, percebe-se maior continuidade em receber o ciclo completo (batismo, eucaristia e crisma) do que nas Regiões mais populosas, em cujos ciclos se verifica menor continuidade (recebe-se o batismo e a eucaristia, mas não a crisma, por exemplo).

49. Pode-se detectar ainda que determinados sacramentos – como a reconciliação, unção dos enfermos e matrimônio – ocorram de forma relativamente elevada em regiões menos populosas, geralmente de localização geográfica central, tendo em vista, no caso da confissão, a facilidade no acesso; ou, no caso da unção, a maior concentração de unidades hospitalares nessas regiões, e ainda, no matrimônio, por se buscarem igrejas centrais para realização deste sacramento.

50. O que se conclui é que os sacramentos (exceto o batismo e a eucaristia) atingem uma porção bem reduzida da população católica. Por isso, é importante facilitar o encontro com o Senhor tornando acessíveis, cada vez mais, os sacramentos. As razões dadas para esta distância em relação aos sacramentos são: o desconhecimento e falta de formação acerca de sua importância por parte de agentes; as taxas de contribuição normalmente fixadas; insuficiente acolhida e acompanhamento daqueles que os recebem; normas e horários que dificultam o acesso (o Papa Francisco indica: igrejas abertas, secretarias com horários para as pessoas que trabalham, catequeses adequadas aos horários da cidade... cf. EG 27); mudança cultural nas famílias que gera o desinteresse pela busca e, finalmente, os casos especiais, especialmente os divorciados vivendo em segunda união.

Da Igreja para o mundo

51. Tendo em vista que a participação sacramental implica no compromisso cristão no mundo (cf. LG 12), e os sacramentos são a alma de todo o apostolado (cf. AA 3), os frutos da proximidade com Cristo revelam-se no engajamento dos batizados na comunidade para desenvolverem atividades em favor da difusão do Reino de Deus.

52. Diferente da análise celebrativo-sacramental, apresentada anteriormente, os números sobre o envolvimento pastoral nas comunidades

da Diocese não revelam tantas disparidades, isto é, são proporcionais à concentração populacional.

53. De modo geral, são resultados expressivos, que revelam a força do testemunho de fé, esperança e caridade que diariamente milhares de leigos oferecem no Grande ABC, “discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor” (DAp 368), em âmbito intra e extraeclesial.

54. A fim de fortalecer este resultado, é necessária nossa atenção à formação, pois se nos comparamos às Igrejas Evangélicas, em geral, o tempo dedicado ao estudo e crescimento em nossa fé é menor. É preciso fortalecer os elementos formativos com seriedade a fim de sermos capazes de dar as “razões da nossa esperança”(1Pd 3,15) e, assim, perseverar na doutrina dos apóstolos.

Facilidades e dificuldades

Luzes

55. Destacam-se como elementos positivos em nossas comunidades a estrutura de suas instalações (por exemplo: estacionamento, equipamentos tecnológicos, etc); um número pequeno conta com a facilidade dos meios públicos de transporte, e outra modesta parcela avançou na acessibilidade a pessoas com necessidades especiais.

56. Do ponto de vista pastoral, a maior parte das paróquias destaca como positivos os momentos formativos e a instalação do CPP; um número menor, mas significativo, sublinhou a estruturação do CAEP e as facilidades na comunicação tanto impressa quanto virtual; em menor escala, lembrou-se o diálogo e cooperação entre as pastorais e a organização anual do trabalho evangelizador. Despertando para a consciência missionária, a décima parte das paróquias “primeireou” (EG 24), reconhecendo em sua setorização um caminho bem trilhado no discipulado; a presença missionária do bispo junto às comunidades; abertura e organização dos trabalhos pastorais e, finalmente, crescimento no campo do conhecimento litúrgico, que provocou aumento de celebrações; e, finalmente, uma parcela diminuta destaca como facilidades o atendimento dos funcionários e do padre, a criação de novas instâncias (COMIPA), a construção de novos ambientes e a realização de eventos específicos.

Precisamos iluminar

57. No plano das dificuldades estruturais, metade das paróquias reconheceu que o espaço onde estão sediadas, embora positivos – como apontado acima – ainda assim apresentam limites para a realização das atividades (por exemplo estacionamento, banheiros, dificuldades financeiras, falta de segurança, aquisição de equipamentos), sobretudo no atendimento às demandas por acessibilidade. Um número menor, mas considerável, destacou a necessidade de reformas estruturais.

58. Ao falar sobre a pastoral, a quase totalidade das comunidades apontou a falta de comunicação e integração entre pastorais como dificuldade principal, uma vez que a fragmentação impede a pastoral de conjunto. Já o esforço por atividades pastorais com especificações e especialidades, de modo setorizado, traz uma série de vantagens para a unidade no trabalho pastoral.

59. Reconhece haver falta de comprometimento em boa parte de seus agentes; mais de um quarto delas padece com falta de agentes para desempenhar as atividades e formação insuficiente para os que já existem; finalmente, um número minoritário apontou o acúmulo de atividades; a falta de acolhida e incentivo por parte de clérigos e pais de catequizandos; uma pastoral pouco voltada às necessidades da família; a pouca inserção dos jovens na comunidade; fechamento; insuficientes momentos de espiritualidade e dificuldade em implan-



FOTO: PASCOM DIOCESANA

tar o CPP para coordenação das atividades pastorais da paróquia.

60. Também necessitamos de uma melhor redistribuição dos presbíteros, pois temos regiões privilegiadas com muitos padres, enquanto outras com uma grande escassez.

61. Aproveitando este momento de análise que o Sínodo Diocesano nos propiciou, antes de desanimar ante as dificuldades, “precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque trazemos este tesouro em vasos de barro.” (EG 279) Assim, todo obstáculo torna-se ocasião de superação para o discípulo de Cristo, ancorado em seu amor e desejoso de testemunhar sua mensagem ao mundo.

No passado...

62. Corremos o risco de olhar para um passado recente, quando facilidades com as quais se contavam e deixaram de existir nos traziam bem-estar e segurança: presença massiva de agentes de pastorais dotados de ardor missionário, conforme relatado pela maioria das comunidades; ou, de acordo com parcelas minoritárias das paróquias, mais engajamento juvenil; união entre Igreja e famílias; mais momentos de celebração da vida; momentos formativos; mais proximidade com o padre e existência de determinadas pastorais que posteriormente se extinguiram.

63. Não podemos nos esquecer, em contrapartida, que se interpu-
nham a esses benefícios os ruídos e lentidões na comunicação; proble-
mas na estrutura das comunidades; menos disponibilidade, comprometimento e envolvimento de padres, muitas vezes gerados por sua escassez diante da grande demanda; falta de formação; dificuldades de locomoção entre as comunidades de uma mesma paróquia; inexistência de alguns grupos pastorais e organismos essenciais ao dinamismo comunitário, bem como ausência de planejamento em atividades, aspectos apontados pelos participantes da primeira etapa sinodal que hoje já foram, em boa medida, superados por nossas comunidades.

No presente...

64. Inegáveis são as dificuldades que decorreram da mudança de época num curto espaço de tempo: falta de agentes comprometidos, integrados e entusiasmados com a missão, apontada pela maioria das comunidades; vulnerabilidade e instabilidade causadas pelos novos meios

de comunicação; insuficiente participação juvenil; aumento nos índices de drogadição, tráfico (drogas e pessoas), violência, abuso e exploração de menores, abandono de idosos e doentes; várias formas de corrupção e crime; proselitismo religioso; dificuldade no cumprimento a demandas por acessibilidade e demais dificuldades espaciais que persistem.

65. Vivemos as consequências da vulnerabilidade nas relações, nas quais esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem feito. E o que consumimos, o que compramos, demonstra-se como apenas sedativos morais que tranquilizam nossos escrúpulos éticos.

66. Daí a importância de olhar para a mudança de época e para o necessário enraizamento de critérios buscando uma base realmente sólida para enfrentar estas dificuldades (cf. DGAE 27) com a força do Senhor: "Tende coragem! Eu venci o mundo" (Jo 16,33).



"Tende coragem! Eu venci o mundo" (Jo 16,33)

4. OLHANDO A REALIDADE

Um olhar para dentro

67. Ao observar a própria caminhada, as opiniões das comunidades mesclam-se entre descomprometimento, comodismo, pouca participação, individualismo, falta de formação teológico-pastoral nas dimensões bíblica, doutrinária e litúrgica, pouca experiência de fé e de espiritualidade, sobrecarga pastoral e escassez, de um lado; de outro, engajamento, compromisso, perseverança, interesse, colaboração, atuação e convicção de sua fé.

68. Finalmente, um diminuto número de comunidades apontou o envelhecimento, a descrença e a insuficiente acolhida entre seus participantes.

Um olhar para fora

69. A consulta apontou que os membros das comunidades enxergam os católicos não participantes como descompromissados, individualistas, sem espiritualidade e consciência cristã, desinteressados, materialistas, comodistas e desorientados; ao mesmo tempo, a comunidade os vê como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36) e, portanto, devem ser objetos da ação pastoral da Igreja.

Um olhar para a Diocese

70. O rosto de nossa Diocese é, segundo o parecer mais comum de nossas comunidades, organizado no âmbito administrativo, próximo, presente e acessível, acolhedor, comunicativo, missionário, participativo, ativo, estruturado, dinâmico, moderno e aberto a melhorias, unificado e transparente, fonte de inspiração, colaborativo (formando e assessorando), preocupado com a evangelização, compreensivo, atento aos padres, empenhado na pastoral e na participação laical, buscador da unidade e sintonizado com as paróquias.

71. Aproximadamente a décima parte das comunidades identificou a Diocese com a pessoa do bispo, a quem qualificam como acolhedor, dedicado, dinâmico e próximo do povo e das comunidades.

72. Embora a Diocese ultrapasse este conceito pessoal, constituindo-se "a porção do Povo de Deus, que se confia a um Bispo para que

a apascente com a colaboração do presbitério... na qual está e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (CD 11), podem-se atribuir as referidas características episcopais apontadas pelas comunidades como extensivas a toda a nossa Igreja diocesana, pois quem sabe governar a própria vida, tanto melhor governará a Igreja de Deus (1Tm 3,5). Assim, o rebanho tende a assumir como suas as características de seu Pastor.

73. Sempre havendo, todavia, elementos a melhorar, algumas paróquias apontaram em número decrescente as respectivas arestas: certo distanciamento da realidade das paróquias; falta de articulação com as paróquias e padres; elitismo; morosidade em decisões e ações, na transmissão de informações e na distribuição de material; dificuldade no acesso; rigor e autoritarismo; burocratização; grandes proporções que dificultam ações pastorais e episcopais; centralização; conservadorismo; sobrecarga de atividades; falta de transparência, solidariedade econômica e ação; complexidade de linguagem; falta de sentimento de pertença; falta de comunicação, respeito, simplicidade, acolhida, humildade e hospitalidade; sobrecarga e desvalorização dos bons padres.

74. Acolhendo os pontos positivos e negativos sublinhados, nossa Igreja diocesana, com todas as suas comunidades, pede perdão pelos seus erros e omissões, louvando a Deus por seus frutos e deseja confiar-se constantemente ao Espírito Santo, a fim de tornar-se “robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada, mas fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz” (LG 8).

Nossa caminhada evangelizadora

75. Boa parte das paróquias afirma ter incorporado traços inspirados pelo 7º Plano em sua ação evangelizadora: uma consciência mais missionária, expressa pelas visitas que se têm realizado por membros das comunidades, seminaristas, pastores e o bispo; além disso, o estado permanente de missão, as comunidades ou grupos de base, as capelinhas itinerantes, os avanços na catequese de cunho mistagógico e catecumenal, espaços de formação, uso do material proposto pela Diocese, a instalação de comunidades recentes, a motivação da juventude, atitudes de paróquias e comunidades irmãs, acolhida, pastoral de conjunto, impulso à pastoral voltada para o âmbito familiar, defesa da

vida, saúde, da pessoa idosa, da criança, da sobriedade, da caridade e grupos preocupados com pessoas em situação de risco.

76. Tudo isso nos mostra como temos dado passos na difusão do Reino de Deus no Grande ABC. Continuemos a escutar o que o Espírito diz à Igreja (cf. Ap 2,7) e deixemo-nos por Ele conduzir, pois para uma Igreja, comunidade de comunidades, é imprescindível o empenho por uma efetiva participação de todos nos destinos da comunidade, pela diversidade de carismas, serviços e ministérios, promovendo a articulação das ações evangelizadoras, através da pastoral orgânica e de conjunto (cf. DGAE 107 e 112) A articulação de uma Pastoral de Conjunto torna possível a articulação de um Plano de Pastoral que dê rosto à nossa Igreja e que seja assumido com entusiasmo por clérigos, consagrados e leigos com entusiasmo.

ENCONTRO DA JUVENTUDE COM O BISPO - DOMINGO DE RAMOS - FOTO: PASCOM DIOCESANA



**“O próprio Senhor irá à tua frente.
Ele estará contigo!” (Dt 31,8)**

Migração e Mobilidade entre paróquias

77. “Ao destacar o espírito comunitário não se pode desprezar o valor do território” (CC 174), porém, tendo em vista que “a transformação do tempo provoca uma nova noção de limites paroquiais, sem delimitação geográfica” (CC 38), um fenômeno constante nos tem chamado a atenção, embora sejamos uma Diocese muito populosa (2,7 milhões) e, ao mesmo tempo, nos localizamos em uma porção geográfica relativamente pequena (825 km²), o que favorece a itinerância entre paróquias e comunidades, outrora predominantemente de cunho territorial, mas observando-se hoje uma adesão significativa de fiéis a paróquias por afinidade (cf. DDS 30).

78. Perguntadas pelas causas deste fenômeno, a principal resposta das comunidades – quase a metade – está vinculada aos presbíteros, cujo acolhimento, carisma e modo de celebrar a liturgia pesam de maneira preponderante na escolha, ao lado de eventuais dificuldades havidas com os pastores das comunidades anteriores ou sua transferência. Outrossim, um quarto das paróquias chegou à conclusão de que a migração de paróquias ocorre por criação de vínculo com a pessoa do presbítero mais do que com o corpo da comunidade eclesial.

79. Em segundo lugar, a acolhida propiciada pela comunidade foi apontada como fator relevante para a mudança; a quarta parte das comunidades considera a migração efeito da falta de identidade, de consciência de pertença paroquial e de compromisso (além de: facilidade nos horários e deslocamentos, mais sentimento de liberdade na escolha, satisfação pessoal, imaturidade na fé e desconhecimento doutrinal).

80. Em resumo, as motivações apresentadas, ora mais ora menos justificáveis, merecem nossa atenção, a fim de tornar todas as nossas comunidades casa dos cristãos – lugar da escuta da Palavra, da partilha do Pão, da vivência da caridade e da saída em missão (cf. DOC 100, 177-191) e sobretudo abertas a tantos quantos queiram fazer seu encontro pessoal e comunitário com Deus. A Diocese de Santo André agradece imensamente a vida doada de nossos agentes de pastoral de ontem e de hoje. Um grande desafio é ser “Igreja de Deus, coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3,15), em uma cultura da “*pós-verdade*”.

5. O PRESENTE E O FUTURO DA FÉ NAS COMUNIDADES

Novas formas de presença da Igreja

81. Tendo observado a pesquisa *ad intra* e *ad extra* surgem elementos concretos de reflexão e decisão. A partir da liberdade, é necessário encantar as pessoas com a comunidade, com a celebração, encantar pelo compromisso, atrair as pessoas a Jesus (cf. Bento XVI – Discurso de Aparecida). A realidade alerta para o desafio urgente de passarmos de uma religião de herança social para uma religião de opção pessoal; de uma sociedade unificada pela fé católica para uma sociedade constituída na liberdade democrática e no pluralismo de ideologias; de uma Igreja de massa a uma Igreja diferenciada e articulada em comunidades de discípulos-missionários. Hoje nos encontramos numa realidade semelhante à vivida por Jesus, que passava pelas vilas, praças, com a consciência de que alguns O seguiam, outros não; alguns aderiram inicialmente, depois O abandonaram.

Criação de Paróquias e Atendimento Pastoral

82. Quando a Diocese foi criada, em 1954, havia apenas 17 paróquias. A mais antiga, Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, em São Bernardo do Campo; depois São José em Ribeirão Pires; Santo André, em Santo André; São Caetano de Thiene em São Caetano do Sul (1924); só em 1953 houve a criação a da Paróquia Imaculada Conceição, a primeira de Diadema; e em 1954 foi criada a Paróquia Imaculada Conceição, a mais antiga de Mauá. Por sua vez, foram criadas 55 paróquias em um período de vinte anos (1960/1970), ritmo este que diminuiu consideravelmente nas últimas décadas.

83. Este indicador demonstra a dificuldade da Igreja em acompanhar a expansão dos bairros. Os próprios núcleos básicos da ação pastoral (a paróquia, por exemplo) encontram-se neste desafio, já não são a única expressão de identidade católica, são fundamentais, mas não únicos. Por isso não podemos apostar só na estrutura da matriz paroquial, mas devemos buscar multiplicar as comunidades, Igrejas domésticas, núcleos de evangelização, ou não haverá futuro possível à nossa Igreja.

84. Devido a razões históricas, Santo André – onde a industrializa-

ção e o aumento populacional são mais antigos – tem 36 paróquias; ao passo que as demais cidades – cujo processo de desenvolvimento industrial e demográfico ocorreu de forma mais progressiva – o número de comunidades paroquiais é menor: São Bernardo, 27 São Caetano, 11; 13 em Mauá; 9 em Diadema; 4 em Ribeirão Pires e 1 em Rio Grande da Serra. Disso se conclui que há uma discrepância na proporção entre os habitantes de cada cidade e seu número de paróquias, onde não se acompanhou devidamente a rede urbana.

85. A média de pessoas por paróquia, independente de serem católicas, também apresenta grave discrepância. Embora o cálculo da média de fiéis por paróquia resulte em quase 27 mil, o que já seria bem alto, há paróquias com 62 mil habitantes, enquanto outras contam com 5 mil. Santo André conta com 19 mil pessoas por paróquia; 31 mil em São Bernardo; 14 mil em São Caetano do Sul; 46 mil em Diadema; Mauá com 39 mil; Ribeirão Pires, com 30 mil; e 48 mil em Rio Grande da Serra.

86. Tais cifras dificultam o atendimento eclesial, sendo necessária uma flexibilização dos horários paroquiais e uma reorganização da rede de atendimento, não diretamente vinculado à instalação de paróquias, mas à multiplicação de ações pastorais e à formação de comunidades (núcleos pastorais, territoriais, ambientais, situacionais, etc) e uma melhor distribuição do clero.

87. A flexibilidade é o caminho. As pessoas da cidade estão cada vez mais móveis, cada vez mais peregrinas. O próprio Jesus afirmava: “as raposas têm suas tocas, os pássaros têm seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). O elemento econômico não pode ser o fator mais importante no cuidado das pessoas, no atendimento pastoral-sacramental.

88. Estando nesta situação é necessário redescobrir as formas de missão, realizar uma mudança de nossa mentalidade pastoral, descobrir outros ‘mapas’, outros paradigmas, que nos ajudem a situar de novo os nossos pensamentos e as nossas atitudes. Passar da Igreja de manutenção – que padece uma verdadeira hemorragia das comunidades, assistindo ao êxodo de fiéis – para uma Igreja que tenha um olhar externo, missionário.

89. Desenvolver a coragem de “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé”, (Dap 365) e vencer a tentação do recolher-se como a um casulo. Reconhecendo que a síntese entre cristianismo e cultura ocidental se rompeu, é preciso “recomeçar a partir de Jesus Cristo, sem dar coisa alguma por descontada” (GS 11). A conversão pastoral exige a reforma das estruturas (cf. EG 27).

90. A região que compreende nossa Diocese reúne uma alta densidade demográfica (concentração de habitantes por km²) em relação a outras localidades. Ou seja, estamos rodeados de pessoas dividindo o mesmo espaço, o que não exclui conflitos, mas constitui o desafio de como fazer comunidade numa situação em que as pessoas não querem se encontrar ou conviver.

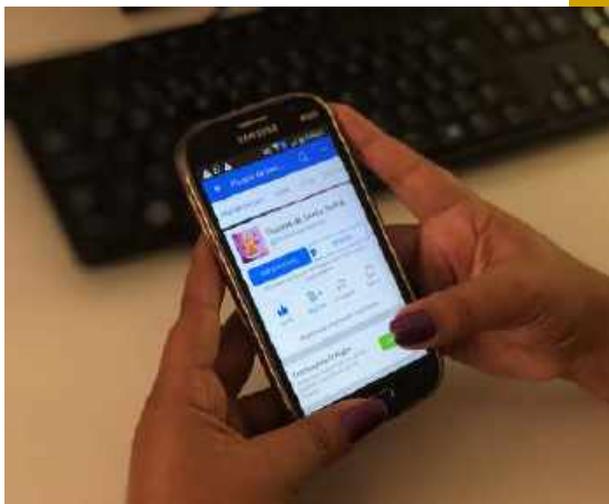
91. A situação nova, onde há municípios em que o número de católicos é minoritário 40%, 38%, coloca também a questão da cooperação entre as denominações religiosas cujas demandas são comuns: questões sociais, ambientais, políticas, culturais, de direitos humanos, trabalhistas, pelos quais se podem unir forças formando um ecumenismo caritativo; “nas coisas essenciais, a unidade; nas coisas necessárias, unidade; nas duvidosas, liberdade; em todas, caridade” (*apud* João XXIII in AdPC 37).

Transmissão do Evangelho

FOTO: PASCOM DIOCESANA

92. Outro elemento é o dado da comunicação, em específico a comunicação da fé. A realidade urbana conhece um sem fim de experiências comunicativas, complementadas na relação presencial e virtual, porém a linguagem evangelizadora nem sempre é suficiente para acompanhar esse fluxo.

93. As novas mídias sociais são um exemplo de que podemos estar próximos, dialogar, facilitar, evangelizar, entreter-se, aprofundar conteúdos; há inclusive “paróquias virtuais”, que contam com mais fiéis on-line do que presencialmente. A própria forma de comunicação também refaz as estruturas pastorais: hoje em dia, a forma habitual de convocação já não é apenas o sino da igreja a chamar para a missa; pode ser uma mensagem, pode ser um “whatsapp”, pode ser uma notícia postada no “facebook” para uma ativi-



dade a realizar-se no mesmo dia. Logo à noite, aparecem os convidados. Uma homilia pode possuir mais ouvintes virtuais (quando transmitida pela internet) do que os que realmente estavam na celebração. Isto é um belo desafio: anunciar nestes ambientes.

94. Mas, ao mesmo tempo, o ambiente virtual frequentemente provoca indiferença, inércia, fechamento, consumo desmedido, exploração de pessoas. Na tentativa de responder a essa problemática que deixa as pessoas indiferentes ou inertes aos valores inerentes ao próprio ser humano, corre-se o risco de adaptar de tal modo a linguagem que o conteúdo acabe perdendo sua identidade. Igualmente corre-se o risco de repetir discursos que já não são acolhidos como relevantes.

95. Nossa transmissão da fé deve superar duas tentações que frequentemente afetam toda obra pastoral e evangelizadora: o secularismo, o relativismo e o fundamentalismo.

96. Uma evangelização marcada pelas tintas do secularismo identificará a palavra do Evangelho com alguma das forças em jogo na história. O testemunho fica reduzido a uma presença entre outras presenças na sociedade, sem indicar uma "Outra Presença", que define a vida cristã. O Evangelho perde sua força de provocação e escândalo, tornando-se uma ideologia, uma teoria de vida, um cálculo ou projeto incapaz de abrir-se à surpresa e à novidade que o Espírito continuamente oferece para renovar a face da terra.

97. Outra possibilidade de reducionismo na evangelização é perder a concretude da vida, muitas vezes sofrida, daqueles a quem é anunciado o Evangelho. É a atitude de quem tem respostas prontas para tudo, "sim" ou "não" oferecidas com frieza e sem amor.

98. Essa postura traz duras consequências. Na medida em que se fala de um Deus sem mundo, facilmente a humanidade incorre na opção de produzir um mundo sem Deus. Como ele é anunciado de forma sem alegria e esperança, mais pela proibição e pelas restrições, muitos estranham e desconfiam de um tal anúncio e preferem se afastar.

99. O Deus do Evangelho é o Emanuel, é Deus conosco. Ele se fez carne, habitou entre nós, trabalhou com suas mãos, sofreu e amou com um coração humano. É preciso assumir a condição de peregrinos dos cristãos, que, nas estradas da vida, se fazem companheiros e irmãos de toda a humanidade. Essa condição nasce da experiência do amor misericordioso de Deus que nos faz samaritanos de todos, para alcançar a todos com o anúncio da salvação de Cristo.

PARTE II

À LUZ DA FÉ E DA ESPERANÇA



1. SER IGREJA NA CIDADE

100. Cremos que a Igreja é comunidade que vive em torno de Cristo, n'Ele crê, permanece, espera e ama (cf. LG 8); comunidade unida ao Bispo, pastor e sucessor dos Apóstolos. Expressa a união íntima e a comunhão das pessoas com Deus e delas entre si. Caracterizada pela *koinonia*, comunhão, pelo estar juntos (cf. At 2,44); permanecer unânimes (cf. At 2,46); ter um só coração e uma só alma (cf. At 4,32); colocar tudo em comum (cf. At 2,44) em vista da salvação para todos (cf. 1Tm 2, 4).

101. A presença da Igreja no contexto urbano não é novidade; basta lembrarmos que a importante estratégia do apóstolo Paulo foi ir aonde o povo estava: nas grandes cidades de seu tempo, e especialmente ali, desenvolveu a maior parte da sua missão de criar comunidades de seguidores de Jesus Cristo, a partir do testemunho do seu próprio encontro com Ele. Além disso, a Palavra de Deus nos apresenta a nova Jerusalém, a cidade santa (cf. Ap 21,2-4), símbolo da eternidade com Deus, como meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a Revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza numa cidade". (EG 71).

VISTA DO GRANDE ABC À PARTIR DA CURIA DIOCESANA - PASCOM DIOCESANA



102. A semelhança entre os primórdios cristãos do Império Romano e hoje está no fato de que grande parte da população vive nas grandes cidades – 52% mundialmente e no caso da América Latina, 80% – com um índice ainda em crescimento. Este ambiente é belo, complexo e desafiador. A atuação da Igreja precisa acompanhar esta realidade da cidade, “as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização” (cf. EG 73).

103. A Igreja do Grande ABC, Povo de Deus reunido em nossas sete cidades, essencialmente unida à proposta de Jesus e de seu Reino, é chamada à corresponsabilidade no contexto urbano. Não é possível buscar esse Reino isoladamente, cada um por si. Por isso Deus nos reúne como Igreja, Corpo de Cristo e Povo de Deus (cf. LG 7 e 9) em comunhão na realidade em que vivemos. A isso nos remete uma das prioridades eleitas na Assembleia Sinodal que nos impulsiona ao “acolhimento em suas duas dimensões importantes (cultura do acolhimento e espiritualidade do acolhimento).”



Somos Igreja em comunhão: Corpo de Cristo, Povo de Deus e Templo do Espírito Santo

104. A Igreja é uma comunhão dos fiéis com Cristo e entre si (cf. LG 7), caracterizada por três imagens complementares - Corpo místico de Cristo, Povo de Deus e Templo do Espírito Santo. Essas imagens nos ajudam a compreender o que é um Sínodo. O percurso sinodal pressupõe que haja uma unidade dos fiéis com Cristo, sustentada pelo Espírito Santo, um povo escolhido pelo próprio Deus e por Ele sustentado em suas ações, e, habitação do Espírito Santo como um verdadeiro edifício por Ele edificado. O substrato dessas três imagens é a Comunhão, pois a Igreja é uma comunhão de membros hierarquicamente organizados, é uma comunhão de todos em Cristo e comunhão com Cristo. Por isso a Igreja, tal como Jesus, é simultaneamente divina e humana, não como duas entidades, mas como uma única realidade complexa (cf. LG 8).

105. Sendo a Igreja o Corpo Místico de Cristo é uma congregação de membros que tais como os "membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam, no entanto, um só corpo, assim também os fiéis em Cristo (cfr. 1 Cor. 12,12). Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja" (cfr. 1 Cor. 12, 1-11) (LG 7).

106. Enquanto Povo de Deus, a Igreja é a nação escolhida pelo Senhor que com ela estabelece uma aliança. Seu povo é chamado "de entre os judeus e os gentios, para formar um todo, não segundo a carne, mas no Espírito e tornar-se o Povo de Deus", é "o novo Israel, que ainda caminha no tempo presente e se dirige para a futura e perene cidade" (LG 9).

107. Como Templo do Espírito Santo é verdadeiramente morada desse Espírito, que nela e nos fiéis habita como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19). "É assim que a Igreja simultaneamente ora e trabalha para que toda a humanidade se transforme em Povo de Deus, Corpo do Senhor e Templo do Espírito Santo, e em Cristo, cabeça de todos, se dê ao Pai e Criador de todas as coisas toda a honra e toda a glória." (LG 17).

108. Em sua expressão visível, esta unidade se manifesta na comunhão das Igrejas Particulares, que são as chamadas dioceses.

Em nosso caso, a Diocese de Santo André, nossa Igreja Particular, é a concretização desta expressão. Viver em comunhão pressupõe conversão pessoal e pastoral. Toda renovação da Igreja consiste numa maior fidelidade à sua própria vocação (cf. UR 6) de Povo de Deus.

109. Se a Igreja é Povo de Deus, unido em nome da Trindade Santa, isto quer dizer que sua unidade consiste na comunhão de fé, nas espiritualidades, nos sacramentos, no governo, em seu trabalho pastoral assumido em comum, nas tarefas comunitárias e na missão evangelizadora e transformadora da realidade, em vista do Reino.

110. A Igreja é o povo convocado, chamado por Jesus. Não é monarquia, nem democracia ou outra forma de estrutura política ou social. Ela é *Koinonia*, ou seja, comunhão de irmãos. Ela não nasce por consenso parlamentar ou maioria de vontades, mas como sociedade hierarquicamente organizada na fé e no amor, para o serviço ao Reino de Deus. A convocação de Deus é que todos aceitem Jesus como Salvador, pratiquem o Evangelho na vida em comum e sejam discípulos missionários.

Sinodalidade: caminhando juntos

111. Nesta perspectiva de unidade, percebemos que a dimensão básica da Igreja é a sinodalidade. Sínodo é uma palavra que vem do grego: sin-hodos = juntos a caminho. Os primeiros cristãos assim designavam-se: os do Caminho (cf. At 19,9-23; 22,4-22).

112. Assim, a Igreja é peregrina “entre as consolações de Deus e as perseguições do mundo” (Santo Agostinho, in Civ. Dei, L. 18, 51,2). Ser Igreja é aprender a caminhar junto. A dimensão sinodal da Igreja é básica e abrangente. A Igreja inclui todos os fiéis: papa, bispos, padres, religiosos, leigos. Na força do Espírito Santo, todos são vocacionados, a partir do batismo, a caminharem juntos, a agir pastoralmente em conjunto, dinamicamente, sendo comunidade de discípulos para a missão.

113. As dimensões (ou princípios) que animam a vida da Igreja são a sinodal (povo que caminha junto), a colegial (apóstolos/bispos) e a petrina (Pedro/Papa), harmônica e integradamente abrangendo assim todas as instâncias da Igreja permeadas pelas dimensões eucarística e mariana.

114. “Juntos” é a palavra chave do livro dos Atos dos Apóstolos, da Igreja da Nova Aliança, o novo Povo de Deus. A nossa caminhada como Igreja não decorre do mero fato de nos encontrarmos, de nos

querermos bem ou de nos reunirmos para rezar. Somos Igreja da Eucaristia. A Eucaristia faz a Igreja. Ao nutrir-nos com a Palavra e com o Corpo de Jesus Cristo, Deus faz de nós uma comunhão à imagem da Trindade. Por isso a Igreja tem a missão de transmitir ao mundo este chamado à vida em comunhão: “que todos sejam um” (Jo 17,11).

115. A experiência de sinodalidade da Igreja, presente desde seu início ficou por alguns anos (ou séculos) adormecida, tendo exemplarmente sido redescoberta e valorizada com atitudes sinodais, sinalizadas na postura São João XXIII ao convocar um Sínodo em Veneza (1957), como bispo desta diocese, um Sínodo em Roma (1960) e o Concílio Vaticano II (1961), como papa, bem como a instituição do Sínodo dos Bispos (1965), já sob o Pontificado de Paulo VI, que reflete sobre temas atuais da vida da Igreja.

116. Para nossa Diocese, fazer um Sínodo significou mais um passo na busca de uma consciência ampla e atualizada de Igreja: amadurecimento na caminhada; capacidade de reconhecer o caminho que a cultura urbana produz hoje; apresentação do Evangelho como estilo de vida capaz de oferecer o sentido da vida e inspirar posturas éticas; e por fim, discernimento do que o Espírito Santo suscita em seus mais diversos contextos.



ROMARIA DIOCESANA A NOSSA SENHORA DO PILAR - FOTO: ÁGATA SUZANE

2. PRINCÍPIOS DA FÉ



FOTO DE DOM JORGE MARCOS DE OLIVEIRA - CONCÍLIO VATICANO II - FOTO: ACERVO DIOCESANO

117. Todas as vezes que a Igreja, Povo de Deus, Corpo místico de Cristo, medita sobre seu caminho, deve recordar seus princípios. O princípio é o elemento que admitimos para que todo o conteúdo da fé possa ser vivido, é como a pedra ou o terreno firme sobre o qual colocamos o alicerce de uma construção.

118. Estes princípios estão expressos na Palavra (Sagrada Escritura), no Símbolo de Fé (Tradição) e na interpretação dos ensinamentos dignos de fé transmitidos ao longo da história (Magistério) (cf. DV 8-10). É preciso conhecer bem a fé e em quem cremos, tal como afirma São Paulo, “eu sei em quem coloquei a minha fé” (2Tm 1,12). Não se resumem somente a conteúdos intelectuais, mas, e sobretudo, a vivências e aprendizados para o homem de fé cristã, que neles é iniciado e os percorrerá por toda vida. Nossa fé é em uma pessoa: Jesus, autor e consumidor da fé (cf. Hb 12,2).

119. O Sínodo recordou-nos que nossa Igreja Diocesana é chamada a afirmar, junto com o Papa Francisco, que temos um sonho, “o sonho missionário de chegar a todos” (EG 31) dotados da alegria que brota do Evangelho. Chegar a todos não significa misturar-se com tudo, renegar a fé, abdicar de princípios. Por isso, reafirmamos e confessamos o que está no Símbolo da Fé, a saber:

*Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso,
criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado, consubstancial ao Pai.
Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens,
e para nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo
Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.
Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras,
e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai.
E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.
Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
ele que falou pelos profetas.
Creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica.
Professo um só batismo para remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir.
Amém.*

120. A fé confessada e proclamada é o cumprimento do mandato de Cristo que enviou seus discípulos por todo o mundo para anunciar o Evangelho (cf. Mt 28), de modo que o fiel anuncia a pessoa de Jesus Cristo e a presença de seu Reino por meio da vida eclesial. Igreja, Reino e Cristo são três realidades indissociáveis. Em Cristo, o Reino já se tornou plenamente presente, pois “o Reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, uma Pessoa que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré, imagem do Deus invisível.” (RM 18). Do mesmo modo, a Igreja, por se ordenar a Cristo e à realização de seu Reino, é sinal e instrumento seu (cf. RM 18). “Cristo dotou a Igreja, Seu Corpo, da plenitude de bens e de meios da salvação; o Espírito Santo reside nela, dá-lhe a vida com os Seus dons e carismas, santifica, guia e renova-a continuamente.” (RM 18)

3. O EXERCÍCIO DA FÉ

121. Para realizar este sonho, alguns pressupostos são básicos na vivência do ser Igreja, pois são o motor que impulsiona a ação de seus filhos: Palavra, Liturgia e Caridade, elementos para os quais devemos olhar com amor, atualidade e perseverança no processo de renovação de nossas estruturas e ação pastoral. O Papa Francisco convidou a Igreja a enfatizar mais o *Kérigma* (anúncio da Boa Nova) que o Dogma (formulação da fé). Enfatizar mais a mistagogia que o Magistério, valorizar mais a catequese de iniciação cristã (cf. EG 35, 36, 160-175).

Na força da Palavra

122. Nossas comunidades desejam colocar a Bíblia na mão de todos e trabalhar pela animação bíblica da vida e da pastoral, ajudando a ler e a interpretar corretamente a Escritura. Isto com o envolvimento de todos na “escola de interpretação ou conhecimento da Escritura, escola de comunhão e oração com a Palavra e escola de evangelização e proclamação da Palavra” (DGAE 93). Propiciando os meios de aproximação das pessoas à Palavra de Deus, favorecendo a comunhão com ela por meio da oração, evangelizando e proclamando-a como fonte de vida em abundância para todos.

123. Nossa Igreja, Casa da Palavra, valoriza a Liturgia como âmbito privilegiado onde Deus fala à comunidade. Atenção especial merece a homilia que atualiza a mensagem da Palavra de Deus de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir sua presença e a eficácia no momento atual da vida.

124. Através dos subsídios preparados pela diocese (roteiros de reflexão do Evangelho, encontros para a Quaresma e novena de Natal) visa-se favorecer a reunião em grupos de famílias, círculos bíblicos e pequenas comunidades em torno à meditação e vivência da Palavra, em estreita relação com seu contexto social, e os cursos e escolas bíblicas, voltados, sobretudo, para leigos. Merece destaque a leitura orante, que favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo, o Verbo de Deus.

125. Importa utilizar o espaço dos novos meios de comunicação social, especialmente a internet com inúmeras redes sociais, que constituem um novo fórum onde fazer ressoar o Evangelho. (cf. DGAE 93-101)

JOVEM DE DIADEMA - FOTO: PASCOM DIOCESANA





MISSA CRISMAL - BÊNÇÃO E CONSAGRAÇÃO DOS SANTOS ÓLEOS - FOTO: PASQUIM DIOCESANA

Na beleza da Liturgia

126. A exemplo da Igreja primitiva, é na reunião dominical, na celebração dos sacramentos, na oração e na vida comunitária que nossa família diocesana, em estreita união com toda a Igreja, permanece aos pés do Senhor para d'Ele receber o alimento necessário de nossa jornada terrestre a caminho da eternidade. "E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir. Por isso foram batizados no próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, os que receberam a palavra de Pedro. E mantinham-se fiéis à doutrina dos Apóstolos, à participação na fracção do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo (cf. At. 2, 41-47). Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo o que se referia a Ele em todas as Escrituras' (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte, e dando 'graças a Deus pelo Seu dom inefável' (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, para louvor



da sua glória (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo.” (SC 6)

127. Por sua vez, a celebração litúrgica, ao mesmo tempo em que é atualização do mistério da salvação, requer, necessariamente, uma iniciação aos mistérios da fé. Neste contexto, a formação litúrgica é um caminho para redescobrir o caráter mistagógico da celebração ritual cristã. Nessa perspectiva, compreende-se que a melhor catequese litúrgica é a liturgia bem celebrada, superando os abusos nesta matéria, que mais ofuscam o caráter comunitário e sobrenatural da Liturgia do que promovem uma participação ativa.

128. Neste sentido, faz-se necessário caminhar mediante uma linha comum de ação em nossa Igreja local, de modo que a pastoral litúrgica conjugue os esforços e as iniciativas necessárias para animar sua vida litúrgica, de modo que os cristãos possam tomar parte das celebrações de forma ativa, consciente e plena, e colher dela os frutos espirituais, por meio de momentos de oração e formação, nos quais se trabalhem temas como conceito de ser Igreja, ministerialidade, comunicação na liturgia e o papel dos leigos. (cf. DGAE 83-84)

No alcance da Caridade

129. Animada pela Palavra e alimentada pela Eucaristia, nossa Igreja diocesana tem condições de atender ao mandamento novo dado por Cristo: “que vos ameis uns aos outros” (Jo 15,17). Por meio de uma pastoral estruturada, orgânica e integral, temos a vocação e missão de promover, cuidar e defender a vida em todas as suas expressões. Entre tantos interlocutores desta tarefa está a família, lugar e escola de comunhão, primeiro espaço para a iniciação à vida cristã das crianças, no seio da qual, os pais são os primeiros catequistas. É preciso uma pastoral intensa, vigorosa e frutuosa, capaz de animar a vivência da santidade no matrimônio e na família, atendendo também às diversas situações em âmbito espiritual e material, uma vez que nossos núcleos familiares estão cada vez mais frágeis e necessitados de um alicerce sólido (cf. Mt 7,24).

130. Vale igualmente como forma de testemunhar a missão da Caridade, a atenção aos pobres e o empenho na defesa da dignidade dos que se encontram em situação de vulnerabilidade ou os “resíduos e ‘sobras’” da sociedade nos quais o discípulo deve enxergar o rosto do Senhor (cf. DGAE 65). A caridade é a essência da Igreja e não uma mera atividade de assistência social (cf. DGAE 66). No pobre, o discípulo vê o próprio Jesus chagado, flagelado, e, por isso, não se cala “diante da vida impedida de nascer ... diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé.” (DGAE 65)

131. Para a Igreja no ABC, o apoio a essas causas de promoção da vida, é um eloquente testemunho de sua fé em Jesus Cristo e de seu compromisso com o Reino de Deus, por Ele anunciado e mostrado presente entre nós.



PASTORAL OPERÁRIA - CAFÉ DA SOLIDARIEDADE - FOTO: PASCOM

4. OS AGENTES DE PASTORAL

Lideranças leigas

132. Outro ponto importante a considerar é a atuação dos coordenadores paroquiais, através dos ministérios leigos, “especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias” (LG 33).

133. Pouco mais da metade de nossas paróquias identificam em alguns líderes características que precisam melhorar, como falta de integração e comunicação, autoritarismo, egocentrismo, fechamento, centralização, dificuldade de trabalhar em equipe, falta de consciência do próprio papel, de criatividade, de dinamismo e de diálogo. Uma fração minoritária de paróquias os vê sobrecarregados, e por isso mesmo, necessitados de preparo, formação, renovação e integração aos demais serviços na comunidade.

134. A parte massiva das comunidades – sete em cada dez – porém, vê em suas lideranças pessoas que se doam verdadeiramente, que gozam de credibilidade, bondade, simplicidade, comunicação, abertura, engajamento e que trabalham pelo crescimento da comunidade, constituindo-se importante canal entre pastores e fiéis.

135. Conforme os ensinamentos do Concílio Vaticano II, que afirmam o chamamento universal à santidade, todos os seguidores de Cristo – entre os quais se destacam os leigos – chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem, aperfeiçoem e vivam esta santidade que receberam. (cf LG 39-41) Nossas lideranças devem aprender ser Jesus humilde no serviço solidário e na responsabilidade compartilhada, sem desejo de dominação.

Cuidar dos cuidadores, os clérigos

136. O específico do ministro ordenado é representar Cristo como cabeça de seu corpo que é a Igreja. O ministro ordenado há de se colocar a serviço para a comunhão e a unidade de todo corpo (cf. LG 18), exercendo o múnus profético (anunciando a Palavra); o múnus sacerdotal (celebrando os sacramentos da salvação) e o múnus pastoral (animando

a caridade, conduzindo os fiéis para o discipulado). Ele não exerce a síntese dos ministérios, mas o ministério da síntese. Seu carisma próprio é o do discernimento, do acompanhamento e da integração. Sua missão é a coordenação dos carismas. Para isso, os diáconos/padres/bispos precisam evangelizar e serem evangelizados, a ordenação não traz perfeição imediata; a dedicação permanente é que faz progredir no caminho de Deus e torna possível ajudar a outros a fazerem o mesmo.

137. O ministro é, portanto, ordenado na Igreja e para a Igreja, ele não pode agir de forma personalista ou fragmentada. Sua ação é sempre cooperativa com o bispo e a deste, com o colégio episcopal. Seu ministério é essencialmente para agir colegiadamente, em uma comunhão dinâmica. A evangelização não é obra de navegadores solitários. Todo personalismo na pastoral e na evangelização leva facilmente ao risco de se perder o sentido de família, de corpo e de pertença. Acaba comprometendo a identidade eclesial. Ser desse ou daquele grupo, preferir este ou aquele ministro, valorizar demais uma proposta, desprezando outras sempre proporcionam a fragmentação, a divisão, a confusão e o isolamento. Manter a unidade na diversidade permanece, na Igreja, como tarefa de todos os tempos.

138. Não se pode negar que atualmente existe certa dose de cansaço e até de desânimo em relação às múltiplas atividades evangelizadoras e pastorais. Há certa síndrome do cuidador ferido, devido à sensação de que os resultados não chegam. Os altos índices de violência, a frustração diante do Brasil e do mundo, que experimentam inúmeras turbulências e o crescimento de uma religiosidade estranha ao Evangelho, entre outras causas, pode levar à inconsciente descrença no caminho da Igreja em saída. Entretanto, a angústia diante da aceleração das sequelas e a sensação de demora nos resultados não nos podem fazer mudar a meta. Por isso, não se pode descuidar da espiritualidade.

139. "A vida espiritual bem cultivada faz com que o padre viva sua vocação não como um peso deprimente e estressante. Sem este diálogo constante com Cristo, perde-se o amigo, perde-se o Mestre. Passa-se então a mostrar-se constantemente "oprimido" por sua vocação, mostra que não assumiu o que é essencial na sua vocação: a união com Cristo!" (Dom Pedro Carlos Cipollini. Carta Pastoral *Amados no Senhor*, p.9)

140. Dada sua importância no contexto eclesial, a consulta sinodal escutou as comunidades a respeito dos clérigos, por detrás dos quais se veem pessoas revestidas de um especial poder, sem prescindir de sua natureza humana, o que resulta em ministros com limitações e arestas,

mas empenhados em crescer no serviço e na doação da vida.

141. De forma mais concreta, no que tange às fragilidades, a avaliação de pouco menos da metade das paróquias apontou membros do clero por vezes distantes do povo, insuficientemente acolhedores, com sinais de arrogância, dotados de linguagem complexa, acomodados e fechados ao diálogo, necessidade de posturas mais adequadas e maior empenho no preparo das homilias. Um grupo menor vê sinais de profissionalização, sobrecarga, falta de unidade dos clérigos e comunidades e ostentação material. A conversão dos cuidadores implica na superação do clericalismo (cf. RM 102; Doc. 105 n. 109).

142. No entanto, majoritariamente, a visão que os diocesanos têm de seus ministros ordenados é extremamente positiva: as paróquias testemunharam em sua reflexão a acessibilidade, presença, acolhida, proximidade, confiabilidade, comunhão com o bispo, organização, boa administração, respeitabilidade, conhecimento, domínio em matéria litúrgica, sabedoria, compromisso, zelo, dinamismo, incentivo, justiça, senso de liderança e ousadia, aspectos fundamentais para a continuidade no processo de renovação missionária que desejamos entabular. Recordemos que “a conversão dos pastores nos leva também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação” (DAP 368).

“Pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros” (Gl 5,13)



RETIRO ANUAL DO CLERO - FOTO: PE. PAULO AFONSO

Diálogo com o mundo

143. Embora os cristãos não sejam os únicos responsáveis pelos rumos do mundo, é necessária a consciência de que não cabe omissão diante dos rumos que a sociedade vai tomando. Portanto, “permanecendo Igreja, como ramo na videira (Jo 15,5), o Cristão transita do ambiente eclesial ao mundo civil para, a modo a de sal, luz, (Mt 5,13-14) e fermento (Mt 13,33; Lc 20,21), somar com todos os cidadãos de boa vontade na construção da cidadania plena para todos.”(DOC 105, 166)

144. As paróquias constituem-se elos muito importantes da Igreja com a sociedade, nossas comunidades são sinais do Reino de Deus no mundo. Por isso, também se valoriza sua relação com instituições civis.

145. Hoje, oito em cada dez paróquias tem ao menos uma ligação com instituições civis atuantes no bairro: unidades públicas de saúde; estabelecimentos de ensino, atendimento espiritual em clínicas de repouso, hospitais, casas de acolhida, sociedade amigos de bairro, setores do comércio e organismos da Prefeitura. Tais esforços refletem uma busca missionária do ser Igreja em meio às realidades temporais.

146. “A paróquia não é uma instituição caduca; precisamente porque possui grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade” (EG 28).

147. O atendimento aos mais pobres da sociedade ainda é garantido por obras que a Igreja mantém. Contudo, não é possível manter essa atitude sem identificar as causas dessa desigualdade bem visível na cidade. O Papa Francisco em suas reflexões sobre a presença da Igreja no ambiente urbano, inclusive, indica que devemos aprender a



LAR MENINO JESUS - FOTO: PASCOM

trabalhar juntamente com quantos prestam serviços deveras eficazes em benefício das pessoas mais pobres, a fim de identificar, amenizar e até solucionar tais causas.

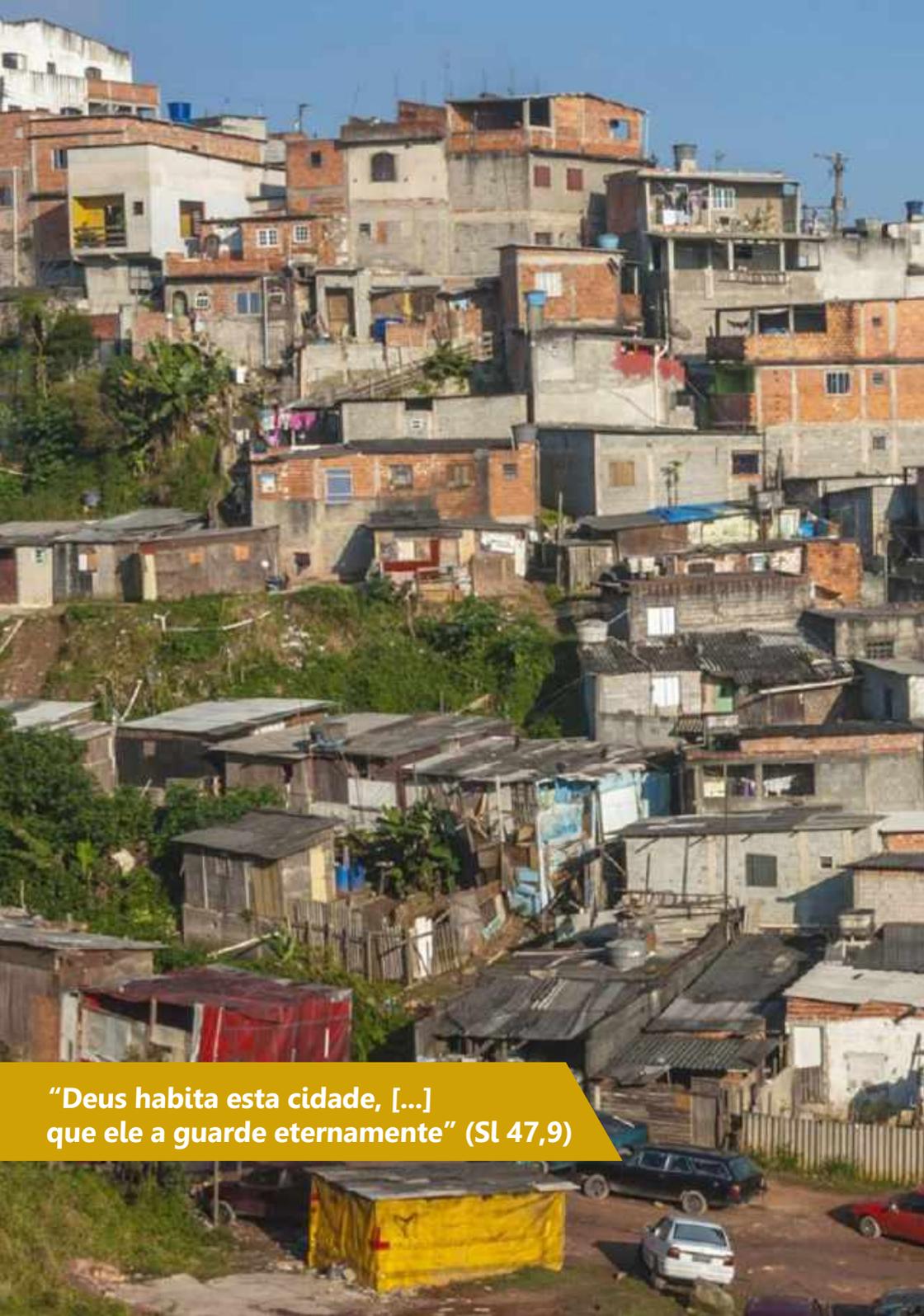
148. Nas metrópoles, há marginalizados, excluídos, pobres que carecem de um bom samaritano. O lugar do cristão da cidade é em meio a projetos em defesa da vida, na conquista da liberdade e da igualdade, na promoção da solidariedade.

149. A Igreja no Grande ABC é chamada a procurar, a reconhecer, a saber interpretar, a promover e a evangelizar não só os cidadãos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, mas igualmente os que são tratados como “não-cidadãos”, os “meio-cidadãos” ou “restos urbanos” (cf. EG 75), por exemplo os pobres, imigrantes, os descartados, com os quais a Igreja deve ser hospitaleira e valorizar seus elementos de fé, lapidando-os a fim de aproveitar essa grande potencialidade para a evangelização das áreas urbanas. Deus habita na cidade (Sl 47,9). É necessário ir à sua procura e deter-se lá onde Ele se põe a agir.

150. Não se pode desconhecer nem desprezar a experiência de Deus que, embora às vezes esteja dispersa ou misturada, pede para ser descoberta e não construída do zero. Nela encontram-se as sementes do Verbo lançadas pelo Espírito do Senhor. É necessário “identificar a cidade a partir do olhar contemplativo da fé que descobre Deus habitando nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. Deus vive entre os cidadãos, promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos o buscam com coração sincero, ainda que o façam Tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG 71).

151. Na vida cotidiana, nas lutas por sobrevivência dos cidadãos esconde-se um sentido profundo da existência/religião, é preciso a empatia de Jesus tal como ele fez com a Samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede (cf. Jo 4,7-26; EG 72).

152. Assim, torna-se mais fácil ser um instrumento de sua presença nos lugares onde ele já habita. Para isso, porém, é preciso uma mudança de mentalidade: do receber ao sair, do esperar que venham ao ir à sua procura. Sair para se encontrar, para ouvir, para abençoar, para caminhar com as pessoas. Assim aponta uma das prioridades eleitas para orientar a elaboração do nosso 8º Plano Diocesano de Pastoral: “Uma Igreja em saída e em estado permanente de missão.”



“Deus habita esta cidade, [...] que ele a guarde eternamente” (Sl 47,9)

Conversão Pastoral-Missionária

153. A Igreja tem que estar no mundo, mas qual? Um mundo que está dividido: há uma massa de pobres, de gente com fome e não podemos ceder ao conforto trazido pelos bens materiais. É preciso evitar o “mundanismo”. As Conferências latino-americanas e o Papa Francisco apontam a necessidade da promoção humana, dos pobres (que numericamente aumentam neste continente a cada ano), da justiça, do compromisso da Igreja no mundo, oferecendo generosamente de si e seus recursos, sair e ir às periferias existenciais deste mundo (cf. EG 20).

154. A evangelização se faz pelas periferias ou nas fronteiras, constitui o lugar e a hora decisiva para a salvação do ser humano. É o aqui e agora em que a totalidade de uma existência se decide a favor ou contra Cristo. Uma das periferias ou fronteiras da evangelização está no interior da comunidade eclesial, a Igreja evangelizadora precisa ser também continuamente evangelizada, para acolher o dom do Espírito e as surpresas de Deus.

155. A Igreja é chamada a renovar-se incessantemente na escuta da Palavra de Deus, deixando-se julgar e purificar no seguimento de Cristo. Para ser evangelizadora das periferias, toda comunidade eclesial é chamada a reconhecer continuamente os sinais de Deus na história.

156. Uma preocupação com a qual precisamos lidar é a consolidação dos passos, da autonomia e da responsabilidade das mulheres dentro da nossa Igreja. É preciso valorizar mais a presença fe-

minina nas instâncias decisórias da Igreja, presença que é majoritária, tanto no laicato como na vida consagrada (cf. EG 105).

157. Outro assunto relevante é a questão ambiental, que é uma preocupação complexa no Grande ABC, seja nas zonas densamente povoadas ou nas áreas de Mata Atlântica; no empenho pela coleta de resíduos sólidos, economia de água, em tudo isso, urge tratar o problema ambiental, também na área urbana.

158. A vida, desde a concepção até a morte natural, exige nosso testemunho, que se traduz no compromisso com os crucificados sobre a terra e, de acordo com a crescente consciência ecológica, também com a criação pecaminosamente devastada. Afirma o Papa Francisco: "O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral" (LS 13).

159. Como Dom Helder dizia: "é importante que o Concílio corresponda aos anseios e à necessidade da Igreja e da humanidade, mas é igualmente importante o pós-Concílio" do mesmo modo, nossa ação com os elementos derivados do Sínodo é o mais importante. Ainda com o profeta do Nordeste: "Não nos iludamos, no entanto: é mais fácil fazer o Concílio (fazer o Sínodo) do que de verdade tentar concretizá-lo. "

160. O Sínodo, mediante seu lema: "o sonho missionário de chegar a todos" e oração: "planejando a pastoral com os pobres e sofredores", encontrou seu fundamento na *Gaudium et Spes*, ao afirmar: também alegrias, esperança, tristezas, angústias do tempo presente partilhadas pelos discípulos de Cristo, e nada que é verdadeiramente humano pode deixar de ressoar no nosso coração. (cf GS 1). Viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão, e fecunda a cidade (cf. EG 75).

161. Neste sentido, a categoria dos pobres funciona como âncora: ao se chegar aos pobres, que são os últimos, chegou-se a todos, tal como afirma uma das prioridades eleitas pelo Sínodo: "Ação missionária permanente para fortalecer a presença da Igreja junto aos pobres nas periferias, aos cristãos católicos afastados, aos doentes, e aos grupos necessitados de motivação e acolhida."

PARTE III

A CARIDADE NOS IMPULSIONA À ACOLHIDA E MISSÃO



1. PASTORAIS ONTEM E HOJE

162. O trabalho configurado pelas pastorais, associações e movimentos ao longo do tempo sofreu alterações conforme as mudanças de época. É fato notável que a quase totalidade das paróquias apontou o desfecho de ao menos algum destes serviços eclesiais, sendo os mais constantes as Pastorais da Juventude, Vocacional, e da Criança, extintos à média de uma de cada dez paróquias; em quantidades menores, outras frentes também deixaram de atuar nas demais comunidades da Diocese: Infância e Adolescência missionária, Perseverança, CEBs, Curso de Noivos, Movimento Apostólico de Shoenstätt e as Pastorais Familiar, Operária, do Idoso, das artes, Carcerária, da Saúde, da Educação, do Migrante, Universitária, Afro e do Dízimo.

163. Entre as razões identificadas para a cessação de atividades, as paróquias alegam falta de agentes, problemas estruturais, corte de verbas, falta de integração entre os membros, excesso de poder, avaliação negativa da pertinência por parte do padre ou conflito com o mesmo, discussões internas, esvaziamento, falta de acompanhamento, ausência de novos líderes, substituição por outra semelhante, dificuldade na formação para novos membros e falta de interesse.

164. Por outro lado, as paróquias também apontaram o surgimento de serviços pastorais antes inexistentes: praticamente a metade citou o Terço dos Homens, Coroinhas e Cerimoniários; cerca de um quarto inaugurou atividades das Pastorais da Acolhida, Familiar e PASCOM; seguem-lhes quantias menores de paróquias nas quais floresceram as Pastorais do Dízimo, da Criança, da Pessoa Idosa, da Sobriedade e da Caridade,

Grupo de jovens, Mães e Madrinhas orantes pelos Sacerdotes, Grupo de Oração, Legião de Maria e Equipe de Liturgia e o Conselho Econômico.

165. Entre os novos serviços eclesiais, chama a atenção o objetivo de cunho espiritual ou litúrgico, ao passo que a maioria dos grupos cujas tarefas foram encerradas, tinha cunho eminentemente social ou caritativo, preferindo-se o



PRIMEIRA CÚRIA DIOCESANA (LOCAL DO ATUAL ED. SANTO ANDRÉ APÓSTOLO) - FOTO: ACERVO DIOCESANO

âmbito interno ao externo na vivência da fé.

166. Em resposta, talvez também de maneira inconsciente, as paróquias apontaram a necessidade majoritária de futuramente instalarem as Pastorais Sociais: da Pessoa Idosa, Familiar e da Sobriedade; número menor apontou o desejo de implantar as Pastorais Carcerária, da Criança, da Saúde, da Escuta, da Acolhida, PASCUM, ECC e Grupo de Jovens, quase predominantemente de índole social e caritativa.

167. Como se pode ver, em todos estes acontecimentos é possível ler os sinais dos tempos, de modo que, se é lamentável o encerramento de atividades de pastorais vitais para a vida eclesial, ao mesmo tempo é consolador observar como novas formulações pastorais podem surgir mais adaptadas às necessidades atuais para responder à mudança nos desafios.

168. Certamente, não se tem tudo claro sobre como realizar a inculturação do Evangelho na cultura urbana contemporânea, é fato que a Igreja não é a única a produzir cultura, nem a primeira, nem a mais ouvida. Mas as práticas pastorais de nossa diocese devem sempre buscar ser sustentadas pelo Evangelho, agindo na evangelização de modo consciente, total e integrado às diversas realidades internas e externas, com as expressões de Igreja e do mundo.



2. ÁREAS PASTORAIS: A ORGANIZAÇÃO DIOCESANA





169. As áreas pastorais correspondem à forma atual de promover a Pastoral de Conjunto, ou Orgânica, em uma Diocese. Através delas se aproximam pastorais, movimentos e associações que possuem finalidades semelhantes. São sete Áreas Pastorais na Diocese de Santo André congregando as 52 expressões de Igreja reconhecidas em nossa caminhada pastoral.

170. O Sínodo escutou a cada uma, colheu suas experiências, analisou seus elogios e críticas e agora expressa este conjunto, à luz das três propostas assumidas para a Igreja no Grande ABC, como direção para a concretização de nosso sonho missionário de chegar a todos.

Área Pastoral 1

Ministérios Ordenados e Vida Consagrada

171. A Área Pastoral 1 reúne os ministros ordenados, os religiosos, religiosas e todas as formas de consagração religiosa, a promoção vocacional e os candidatos ao diaconado e presbiterado. O grupo dos consagrados e ministros ordenados é, numericamente falando, até grande: 227 religiosos, sendo 126 mulheres e 101 homens, dos quais 64 são padres e 37 religiosos. Padres diocesanos somam-se 113, 30 diáconos permanentes, 25 seminaristas das casas de filosofia e teologia e 9 na casa propedêutica; 5 viúvas consagradas, 11 virgens consagradas, além dos membros que se organizam na Pastoral Vocacional.

Área Pastoral 2

Para o Laicato, a Vida e a Família

172. A Área Pastoral 2 congrega as forças diocesanas voltadas à maior porção do Povo de Deus: os que encontram no batismo o caminho e a fonte essenciais de sua vocação: Irmandade do Servo Sofredor – ISSO, a Comissão Diocesana em Defesa da Vida, o Apostolado da Oração, o Movimento Cultura da Misericórdia, as Novas Comunidades, o Encontro de Casais com Cristo, as Oficinas de Oração e Vida, a Legião de Maria, o Conselho Diocesano de leigos – CDL, a Pastoral Familiar, as Equipes de Nossa Senhora, o Caminho Neocatecumenal, o Movimento Apostólico de Schoenstatt, a Renovação Carismática Católica, Terço dos Homens, Associação Milícia da Imaculada dos Frades Menores Conventuais, Movimento Familiar Cristão, Comissão Diocesana Setor Juventude, Sociedade São Vicente de Paulo, Liga Católica Jesus Maria José, Movimento das Mães e Madrinhas orantes pelos Sacerdotes, Movimento Mães que oram e Movimento Focolares.

173. Na Igreja, os grupos ligados a essa Área estão entre os numericamente mais expressivos do laicato. Nas 10 Regiões Pastorais, estão presentes as seguintes expressões: a Renovação Carismática Católica, na maioria das paróquias em 186 Grupos de Oração; o Setor Juventude está presente em quase todas as paróquias, o Apostolado da Oração em 95 paróquias; o Terço dos Homens estima sua presença em 80 paró-

quias; o Movimento Apostólico de Schoenstatt está estabelecido em 78 paróquias; a Sociedade São Vicente de Paulo está presente em 47 paróquias da Diocese; as Oficinas de Oração e Vida - 42 paróquias; a Pastoral Familiar possui núcleos em 53 paróquias; a Legião de Maria está em 47 paróquias; a Comissão Diocesana em Defesa da Vida possui representantes em 9 Regiões Pastorais em 25 paróquias; bem assim os membros das Equipes de Nossa Senhora desenvolvem atividades pastorais junto a um grande número de paróquias da Diocese; o Encontro de Casais com Cristo em 25 paróquias de 8 Regiões Pastorais; e, finalmente, o Movimento da Cultura da Misericórdia estende-se por 12 paróquias em 5 Regiões Pastorais; a Milícia da Imaculada, presente em 6 paróquias de 3 Regiões Pastorais; a Irmandade do Servo Sofredor, presente em duas paróquias de duas Regiões Pastorais; o Caminho Neocatecumenal, cujas atividades são sediadas na Paróquia Santa Terezinha (São Bernardo do Campo); a Liga Católica Jesus Maria e José está presente em 8 paróquias; o Movimento Mães que oram estão presentes em 11 paróquias de três regiões pastorais; o Movimento Focolares em uma paróquia e, finalmente, o Conselho Diocesano de Leigos, que atua mais junto à articulação de paróquias e Regiões do que pontualmente nestas instâncias.

174. Surpreende o elevado número de agentes que a área calcula de forma aproximada, resultando num total de 20.765 servidores do Senhor, sendo 1.272 membros ativos e 6.953 membros auxiliares da Legião de Maria; 3.720 servos dos Grupos de Oração da Renovação Carismática Católica; 24 agentes de Pastoral no Setor Juventude, 3.200 participantes do Terço dos Homens; 2.136 associados do Apostolado da Oração; 1.240 missionários do Movimento Apostólico de Schoenstatt; a Sociedade São Vicente de Paulo conta com 610 agentes; 504 membros das Equipes de Nossa Senhora; 400 colaboradores e voluntários da Milícia da Imaculada; 552 membros das Novas Comunidades, 356 membros do Encontro de Casais com Cristo; 180 membros do Movimento da Cultura da Misericórdia; 115 membros da Liga Católica Jesus Maria e José, 90 membros da Comissão Diocesana em Defesa da Vida; 89 guias das Oficinas de Oração e Vida; 80 participantes do Caminho Neocatecumenal; 70 membros da Irmandade do Servo Sofredor; 25 do Movimento Focolares e 25 do Conselho Diocesano de Leigos.

175. Os números de participantes giram em torno do impressionante número de 134.451 pessoas, composto por: 79.224 milites cadastrados que são evangelizados pelas atividades da Milícia da Imaculada; 37.200 pessoas em famílias visitadas pelas capelinhas marianas do Movimento

Apostólico de Schoenstatt; o Movimento Mães que oram contam com 600 mães, o Setor Juventude conta com a participação de 4.000 jovens, participam 18.000 frequentadores dos Grupos de Oração da Renovação Carismática Católica ou atendidos por seus servos, 1.600 pessoas que realizaram os Encontros de Casais com Cristo; 800 pessoas visitadas ou beneficiadas pela Legião de Maria; 500 pessoas iniciadas à prática da oração pelas Oficinas de Oração e Vida; 60 pessoas ao ano atendidas pela Comissão Diocesana em Defesa da Vida.

Área Pastoral 3

Ação Missionária e Cooperação Inter-Eclesial

176. A Área Pastoral 3 reúne grupos que atuam junto às realidades de missão e de formação das lideranças das comunidades: COMIDI (Conselho Missionário Diocesano), IAM (Infância e Adolescência Missionária), JM (Juventude Missionária), CEBs e Projeto “Paróquias e comunidades irmãs”.

177. A atuação de tais grupos e movimentos se dá na perspectiva da organização pastoral em busca de uma Igreja em saída, no apoio material em prol de todas as realidades eclesiais mais necessitadas de recursos e no incentivo à missão, num processo permanente e de responsabilidade de todos, em favor da organização e animação para a missão.

Área Pastoral 4

Animação Bíblico-Catequética

178. A Animação Bíblico-Catequética está presente nas 101 paróquias e nas 264 comunidades. Compõem esta área a Comissão Bíblico-Pastoral da Diocese e a Comissão de Animação Bíblico-Catequética, Catequese com Crianças, Catequese com Adolescentes e Jovens, Catequese com Adultos e Itinerário com Pais e Padrinhos de Batismo. Os setores não estão isolados, mas possuem ações específicas para cada

etapa da vida humana, e sua sintonia é garantida com a atuação da comissão de animação bíblica catequética diocesana.

179. A área 4 envolve um grande número de agentes engajados que estão distribuídos nos setores da catequese, contando com aproximadamente: 1.500 catequistas na catequese com crianças, 668 na catequese com jovens e adolescentes, 166 na catequese com adultos, 869 no itinerário com pais e padrinhos e 8 membros que produzem material a partir das reflexões do Evangelho.

180. Com as ações da Animação Bíblico-Catequética, anualmente, são iniciados e acompanhados na catequese aproximadamente: 12.000 crianças, 3.763 adolescentes e jovens e 1.540 adultos. No Itinerário com pais e padrinhos, a cada ano, são atingidas, cerca de 55.944 pessoas e realizados 13.986 batizados. Além das muitas pessoas que com as reflexões do Evangelho expressas no Boa Notícia são atingidos pela Comissão Bíblico-Pastoral e das pessoas atingidas pela Comissão Bíblico-Pastoral através das reflexões do Evangelho publicadas.

Área Pastoral 5

Liturgia

181. A Área Pastoral 5 abrange diferentes grupos, responsáveis pela animação litúrgica de nossa Igreja diocesana: Comissão de Liturgia (com as equipes de celebração), Ministérios Extraordinários (culto e Palavra, comunhão, exéquias e bênção), Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários, Setor Música, Equipe de Redação - ABC Litúrgico. Todos os grupos da Área 5 organizam-se em nível diocesano, regional, paróquial, com seus respectivos representantes.

182. Naturalmente, a representatividade desta Área é amplamente abrangente. A Comissão de Liturgia, os Ministérios Extraordinários e a Pastoral da Música estão presentes em 100% das paróquias do território diocesano, já a Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários em 67%, perfazendo um número de agentes em torno de: 8000 ministros extraordinários, 1059 cerimoniários, 2135 coroinhas, 5 membros da Equipe de Redação do ABC Litúrgico e um total de pessoas beneficiadas difícil de contabilizar, uma vez que o destinatário da ação pastoral desta Área é o corpo dos fiéis que participa nas celebrações de nossas comunidades.

Área Pastoral 6

Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz

183. A área pastoral 6 é numerosa, com 13 pastorais, comissões e organismos, e trata de muitas frentes, sempre relacionadas ao que se chamou por muito tempo de área social. Os seguintes grupos compõem a área: Cáritas Diocesana, Campanha da Fraternidade, Pastoral dos Migrantes, Pastoral da Criança, Pastoral da Sobriedade, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Saúde, Pastoral Afro-brasileira, Pastoral Operária, Pastoral Carcerária, Pastoral do Menor, Pastoral das Pessoas com Deficiência (subdividida em Pastoral dos Deficientes Visuais e Pastoral do Surdo) e também a Comissão Diocesana da Pastoral do Dízimo.

184. Numericamente a realidade é bem diversificada, com grupos que têm mais de mil colaboradores, como a Pastoral da Criança, e grupos com apenas sete membros como a Pastoral do Menor (ainda que este não seja o menor dos grupos elencados no sínodo).

185. A área pastoral 6 dialoga com outras áreas, em especial a área 3, da ação missionária e cooperação intereclesial (CEBs, COMIDI, Projeto “Paróquias e comunidades irmãs”) buscando a inclusão de pessoas marginalizadas. O centro da área 6 é a questão da inclusão daqueles que estão nas periferias existenciais.

Área Pastoral 7

Para a Cultura, Educação, Diálogo e Comunicação

186. Os grupos abrangidos pela Área 7 são: Pastoral Universitária, Pastoral da Educação e do Ensino Religioso, PASCOM e Comissão do Ecumenismo e Diálogo inter-religioso – embora constem de poucos agentes – por volta de 100, 40 dos quais em nível diocesano – se comparados aos de outras Áreas, atingem no labor discreto e operativo uma parcela considerável de pessoas, calculada em aproximadamente 22 mil pessoas através das redes sociais, sem contar a abordagem pessoal e diária com alunos, professores, gestores da educação, fiéis diocesanos e membros da sociedade civil em geral, sem restringir-se ao âmbito meramente intra-ecclesial.

3. QUAIS OS ROSTOS DOS AMADOS DE DEUS?

187. Nossa caminhada pós-sinodal se faz através de rostos, são pessoas, individual e coletivamente que precisam ser olhadas com cuidado por parte de nossa Igreja diocesana. Tendo-as bem presentes no Coração de Jesus, lançamos a seguir algumas luzes sobre a forma mais adequada de nossas Pastorais, Movimentos, Associações e Organismos bem acompanhá-los, em atitude conjunta, no nosso agir missionário.





Crianças

188. As crianças, modelo de comportamento para quem almeja o Reino (cf. Mt 19,14), devem ser protegidas em sua alegria e dignidade, ensinadas a falar adequadamente com seus pais, irmãos, avós, professores e amigos e a conversar com Deus. As famílias devem testemunhar Jesus, pois as crianças sofrem ao ver problemas em casa, como falta de harmonia conjugal. Esta tristeza não devemos conceder às crianças. Educá-las nos desafios da vida com seus ganhos e perdas, adquirindo a consciência de que não se pode ter tudo e nem deve faltar tudo. Quem lida com as crianças deve, à luz do Espírito, discernir os “sins” e os “nãos” que estas devem receber. Inspirar e motivar as crianças fazendo-as crescer na consciência missionária de que seus pequenos gestos, por menores que sejam, podem mudar o mundo. O mundo muda abrindo o coração, não respondendo o mal com o mal, ouvindo os outros, recebendo os outros, partilhando as coisas.

189. Também a criança, na ordem da vida e da fé, diante dos dramas da humanidade, pode aprender que há situações da vida para as quais não se tem respostas imediatas ou suficientes, como por exemplo a perda de alguém.

190. Desde cedo devem ser incentivadas a batalhar por suas boas inspirações e chamados. As famílias sejam as primeiras a fomentar um discernimento vocacional em seus filhos. A comunidade de fé também é chamada a assumir este saudável desafio, de maneira que sejam consideradas seriamente todas as modalidades de vocação cristã (ministérios ordenados, vida consagrada ou laical).

Idosos

191. A atitude de desprezar os idosos, fruto de uma sociedade que não se “alargou” à vida e não se organizou o suficiente para dar lugar aos idosos com respeito e levando em consideração

sua fragilidade, não pode estar presente nas comunidades do Grande ABC, recordando que a qualidade de uma sociedade se constata a partir do modo como ela trata os idosos (cf. Bento XVI), pois eles são



a reserva de sabedoria do nosso povo. Assim, a cultura do lucro que insiste em fazer os “velhos” parecerem um peso e conseqüentemente, os descarta, deve ser combatida, pois “onde não há honra para os idosos, não há futuro para os jovens” (Papa Francisco). O Senhor nunca os descarta, a velhice recebe uma graça e uma missão, uma verdadeira vocação do Senhor. Como é bonito o encorajamento que o ancião consegue transmitir ao jovem em busca do sentido da fé e da vida! Esta é verdadeiramente a vocação dos idosos! (cf. Eclo 3,1-18)

JOVENS NO FESTIVAL VOCACIONAL - FOTO: PASCOM DIOCESANA



Jovens

192. Aos jovens, nossa Diocese deseja fazer eco ao Papa Francisco no Sínodo sobre os Jovens, reconhecendo que um mundo melhor se constrói também graças a vocês, ao seu desejo de mudança e à sua

generosidade, sua rápida adesão à tecnologia e presença nas famílias e nas instituições de ensino. Encorajamos vocês a não terem medo de ouvir o Espírito que lhes sugere escolhas audazes, não hesitem quando a consciência lhes pedir que arrisquem para seguir o Mestre. Continuamente deseja colocar-se à escuta da voz, da sensibilidade, da fé de vocês; até das dúvidas e das críticas de vocês. Façam ouvir o seu grito, deixem-no ressoar nas comunidades e façam-no chegar aos pastores. São Bento recomendava aos abades que, antes de cada decisão importante, consultassem também os jovens porque “muitas vezes é exatamente ao mais jovem que o Senhor revela a melhor solução” (*Regra de São Bento III, 3*).

Enfermos

193. As pessoas acometidas por enfermidades foram objeto de especial atenção por parte de Jesus, que as acolhia e curava. Fiéis ao Evangelho, a Diocese de Santo André sente como seu o dever de continuar esta missão, pois “ao dom de Jesus corresponde o dever da Igreja, bem ciente de que deve pousar, sobre os doentes, o mesmo olhar rico de ternura e compaixão do seu Senhor.” (Dia Mundial do Enfermo 2018)



VISTA A HOSPITAL - FOTO: PASCOM



Pessoas com Deficiência

194. As pessoas com deficiência (internacionalmente nomeadas *handcap*) devem sentir-se acolhidas e ouvidas, poderem ser felizes e realizarem-se como Filhos de Deus, nunca margina-

lizadas na vivência nas comunidades. É nossa tarefa ajudá-las, sem medo e em comunidade, a superar a tentação de fechar-se por falta de apoio. Deste modo é necessário um esforço para que em todos os espaços nos quais a Igreja promove suas atividades, nos ambientes litúrgicos e sociais, haja adaptação às diferentes expressões de deficiência. Nossa Igreja diocesana, com suas estruturas, quer ser um sinal de apoio e não de dificuldade para estes que já possuem muitos desafios. Deve-se trabalhar, a pedido do Evangelho, com a expressão do Papa Francisco na *educabilidade* e no ser *sujeito ativo* da pessoa com deficiência. A diversidade é condição para a comunhão e não empecilho. Assim, “a catequese, em particular, é chamada a descobrir e experimentar formas consistentes, para que cada pessoa, com os seus dons, as suas limitações e deficiências, mesmo graves, possa encontrar Jesus no seu caminho e abandonar-se a Ele com fé” (Audiência para o Encontro: “a catequese e as pessoas com deficiência”), vindo ela também a tornar-se catequista. Nenhuma limitação física e ou psíquica pode ser um impedimento para o encontro com o Senhor.

Famílias

195. Deus, em sua constituição trinitária, é essencialmente comunidade; tampouco o ser humano foi criado para viver sozinho. Assim, a família assume importância capital nos rumos da sociedade e da Igreja, razão pela qual agradecemos o bonito testemunho de tantas famílias em nossas comunidades, que juntas rezam e trabalham pelo Reino de Deus. Estamos cientes, porém, de que nos tempos atuais essa instituição atravessa graves crises e vive situações extremamente complexas.

196. Nesse sentido, inserindo-nos enquanto comunidade de fé na realidade das famílias, queremos oferecer “um bom acompanhamento aos



OBRA: CHUVA DO ADVENTO - CLÁUDIO PASTRO/ FOTO: SANDRA CASTANHATO

jovens casais nos seus primeiros anos, com propostas adaptadas aos seus horários, às suas linguagens, às suas preocupações mais concretas.” (AL 36) Às células familiares já estabelecidas, por sua vez, desejamos “acompanhar todas e cada uma delas de modo que descubram a saída melhor para superar as dificuldades que encontram no seu caminho” (AL 200), muitas vezes permeado de dramas e tribulações, separações e violências, a fim de que cada lar se torne uma autêntica Igreja doméstica.

197. Louvamos ao Senhor pelas famílias que apoiam e incentivam um ou mais de seus membros a engajarem-se na vida eclesial, muitas vezes tornando-se para aqueles, canal de retorno à prática da fé para todo o seu núcleo familiar, inclusive de adultos ainda não evangelizados. A Diocese tem dado passos firmes neste acompanhamento, indicando a vivência pastoral através do Setor Família, procurando incentivar e acompanhar suas realidades através do apoio dos clérigos e consagrados, discernindo e auxiliando suas dificuldades também através do Tribunal Eclesiástico e na luta por políticas públicas coerentes. Mas não podemos nos dar por satisfeitos, pois a família sofre em nosso tempo, Deus é companheiro deste sofrimento, e nós, seus instrumentos, somos sua voz que anuncia e denuncia.



MISSÕES DO SEMINÁRIO

Vocações específicas

198. “Rogai, pois, ao dono da messe que envie operários”. (Lc 10,2). Geralmente rezamos por algo que temos em alta conta. Desse modo, bendizendo ao Senhor pelo dom inestimável das vocações específicas, a Igreja no Grande ABC, consciente da multiplicidade de realidades no mundo atual que pedem aos ministros ordenados e aos consagrados uma atitude de abertura e discernimento, coragem e serenidade, deseja oferecer-lhes um sólido caminho de crescimento, “de tal modo que estes possam formar-se integralmente e ser devidamente preparados para enfrentar os desafios do nosso tempo.” (RFIS 7)

199. Vislumbrando neles, desde já, pessoas despojadas, acolhedoras e missionárias, nos dispomos a rezar por seu itinerário vocacional e contribuir grandemente com ele, para serem formados e consagrados de modo a atenderem às demandas da época presente, o que requer a tomada de consciência sobre a importância da formação continuada.

4. AÇÃO PASTORAL QUE DERIVA DA SINODALIDADE

200. A experiência sinodal motivou nossa Igreja diocesana, em suas diferentes expressões, a pensar, guiada pelo Espírito Santo, a renovação da caminhada evangelizadora na realidade em que nos encontramos. Por esse processo, passaram também nossas Pastorais, Associações e Movimentos, em busca de permanecer fiel ao desígnio divino de difundir sempre mais no Grande ABC o Reino de Deus.

201. Transcorrida esta bonita etapa de discernimento, chegou o momento de por em prática as resoluções que nos foram inspiradas. Nesse sentido, apresentam-se a seguir as Moções e Pistas das 7 Áreas Pastorais, impulso para uma Igreja acolhedora e para a ação missionária na Diocese de Santo André.

202. Uma vez que o conjunto das Áreas Pastorais reúne todas as forças vivas na Diocese – clérigos (bispo, presbíteros e diáconos), consagrados (religiosos, virgens e viúvas consagradas e membros de Novas Comunidades) e leigos (coordenadores, agentes de pastoral e fiéis em geral) – ninguém pode sentir-se alheio ao empenho por acolher as resoluções, em espírito de comunhão e boa vontade para continuarmos a caminhar juntos.

Iniciar na Vida Cristã

203. A Iniciação Cristã, mediante a qual ocorre a inserção no Corpo de Cristo e a progressiva educação na fé, quando conduzida de maneira integrada, não somente como preparação para um sacramento, passando todas as fases da vida (do ventre materno à pessoa idosa), leva a um profundo encontro com Cristo no seio da comunidade de fé, por meio do anúncio e centralidade da Palavra (cf. EG 166). Desse modo, nossa Igreja diocesana valoriza o processo de Iniciação Cristã de inspiração catecumenal (querigma, catecumenato, purificação, iluminação e mistagogia) favorecendo o crescimento na consciência do ser cristão Católico devidamente inserido no mundo.

204. Para que este processo produza frutos, é necessária a abertura ao novo, a superação de nomenclaturas insuficientes, o bom uso da comunicação, o vencimento de resistências dos que preferem o que “sempre foi assim” e a coragem de levar o anúncio querigmático,

eixo central da atividade evangelizadora, em ambientes geralmente desprezados (catequese em presídios, asilos, residência de enfermos...)



MUSEU CATEQUÉTICO DA MATRIZ DE SÃO CAETANO DO SUL - OBRA DE LÚCIO AMÉRICO DE OLIVEIRA/ FOTO: SANDRA CASTANHATO

Testemunhar pela vida e missão

205. Como discípulos missionários, a alegria do Evangelho motiva-nos a encontrar um sentido mais profundo para nossas atividades evangelizadoras, que ao mesmo tempo glorificam a Deus e nos trazem profunda realização, a fim de, pelo testemunho, inspirar novas gerações ao cumprimento de sua vocação conforme o desejo de Deus. Para isso, é preciso reconhecer, em nós e em quem conosco atua, tanto nossas potencialidades como limitações próprias das condições (idade, saúde, disposição...), certos de que a cada fase da história o Senhor solicita o que estamos aptos a oferecer-lhe. Devemos cuidar dos cuidadores, pois o cuidado uns com os outros é fundamental, nas famílias e nas comunidades religiosas.

206. Somos impulsionados a ver a própria vocação como um pastoreio e doação de vida, agindo com a liberdade própria da missão, evitando a tentação de se tornar um mero burocrata, entendendo a paróquia / colégio / obra social / pastoral eminentemente como empresa. Conscientes de que o trabalho na Igreja é multiforme, isto é, cada agente está voltado para diferentes focos, e o acúmulo de tarefas e uma estrutura por mais pesada que seja não podem tornar a barca lenta demais para conduzir à outra margem. As iniciativas de evangelização não podem ser “mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável” (EG 82). Saber priorizar e, se necessário, reduzir ao que é essencial, à luz das opções de Cristo, é a chave para uma atuação frutuosa. Disto decorre o trabalho do Setor Família, da CRB e da Pastoral Presbiteral, capazes de suscitar fraternidade, unidade e coesão em seus participantes.

Partilhar esforços na comunhão e missão

207. Apesar de nossos números não serem suficientes para o atendimento da demanda pastoral do Povo de Deus somos convidados a corajosamente melhorar a distribuição da presença humana no serviço aos fiéis, considerando para isto as periferias geográficas e existenciais. Existem fragilidades diferentes nos limites dos municípios e nos centros (por exemplo: paróquias com muitos moradores em áreas afastadas x moradores de ruas e prostituição nos centros urbanos). Distribuir, setorizar e delegar tarefas é um caminho adequado para responder a esta necessidade.



PARÓQUIA SÃO GERALDO MAGELLA - SÃO BERNARDO DO CAMPO - FOTO: PASCOM

208. Neste sentido, impulsionados pelo Papa Francisco, confiamos na participação mais efetiva dos leigos que a Igreja já prevê nas decisões e ação pastoral, em nível paroquial (com os Conselhos Pastorais e Econômicos, junto às diversas vocações), mas também na motivação ao encontro da presença de Jesus nos ambientes limites da experiência humana (hospitais, presídios, junto aos enlutados), com convites à ação, diálogo, rotatividade e aposta em novas pessoas. Urge vencer o clericalismo, presente em algumas realidades, que tudo quer decidir, fazer e minar da ação conjunta, aquela que livra do egocentrismo, desânimo, distanciamento e angústia provocados pela pressão em decorrência da missão. É difícil caminhar junto, mas é impossível caminhar só.

Saber dialogar para acolher e formar

209. Nossa Igreja é expressiva em sinais e cultura! Saber aproveitar esta carga de imagens, símbolos e costumes facilita o diálogo e a presença junto à sociedade – excetuados casos de hostilidade em ambientes determinados – as pessoas de boa vontade sentem segurança e a atuação do próprio Deus ao perceber a presença cristã identificada nos ambientes com os quais ela é chamada a interagir.

210. Sabendo, porém, que o exterior deve refletir o interior para produzir fruto, enxerga-se na formação continuada nos âmbitos pastoral, acadêmico, litúrgico, retórico, entre outros, a forma de se vencer a tentação do apego a experiências negativas anteriores em detrimento do zelo com Deus, suas obras e seu povo. Cada celebração de batizado traz pessoas diferentes à nossa comunidade, cada atividade de minha Pastoral/Movimento/Associação pode trazer uma pessoa nova se ela for acolhida.

Valorizar o tempo, as pessoas e os meios

211. Evangelizar na metrópole está relacionado a uma boa gestão do tempo; a ação pastoral planejada valoriza-o como dom de Deus oferecido em favor do serviço aos homens e mulheres desta realidade. Além disso, existem muitos recursos disponíveis para o aprimoramento da organização pastoral: atualizar-se nos campos da tecnologia, da comunicação e da gestão de pessoas, contando, se necessário com o auxílio de profissionais, facilita quantitativa e qualitativamente

o acompanhamento, motivação e formação das lideranças, já existentes e novas, bem como toda a rede de fiéis com as quais se pode ter contato.

Redescobrir o silêncio e a escuta

212. As grandes cidades também se distanciam sempre mais do silêncio, e todas as atividades carecem de som ou barulho para acontecerem. Há um perigo que a relação com Deus se manifeste somente nesta relação com o som e se esqueça da relevância do silêncio no diálogo com Deus. “Deus não dá ‘Show’! Ele atua no silêncio e na humildade. Esta é a sua forma de atuar na história” (Papa Francisco, homilia na Casa Santa Marta, 9/3/2015). Falar e deixar falar, fazer-se ouvir e ouvir, desenvolver o espírito do silêncio contemplativo nas orações pessoais e comunitárias é como, na música, alternar harmoniosamente sons e pausas, a fim de que a melodia faça sentido para quem a aprecia.



Ser presença transformadora na sociedade

213. A partir desta experiência de Deus na contemplação, é possível assumir a atitude de missão, de saída, através da presença na vida social de nossas sete cidades com todas as esperanças e decepções que podem trazer, a participação em instâncias de promoção e decisão - conselhos municipais, instituições de ensino, fóruns sociais e demais espaços de discussão. Os cristãos devem ser bons cidadãos, bons políticos, bons agentes de transformação social, honestos porta-vozes da Palavra divina que continua a fazer sentido no mundo cada vez mais complexo em que vivemos. Transmitindo “a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada.” (EG 87)

214. Com maturidade afirmamos que o mundo e a Igreja mudaram, reconhecemos que as atitudes pastorais igualmente devem mudar para atender a pessoas concretas e seus problemas. A redução drástica de agentes de pastoral e da expressão social da Igreja não pode fazer com que ela cuide apenas de seus assuntos internos. Por isso nos comprometemos a colaborar na conversão do pecado social, dentro e fora da Igreja, com o resgate da dignidade, prevenção e tratamento das pessoas que muitas vezes vivem em condições sub-humanas criadas pela falta de solidariedade e alimentadas pela ganância econômica somada ao descaso do poder público e também por nossas omissões como Igreja. São estes: migrantes, gestantes, crianças, dependentes e adictos (pessoas em recuperação dos vícios, em especial álcool e drogas), suas famílias, idosos, a cultura negra, trabalhadores, presos, crianças e adolescentes em situação de risco, moradores em situação de rua, bem como todos os excluídos. Percebemos portanto a urgência da criação do Vicariato Episcopal para a Caridade Social.

Abrir-se à simplicidade e partilha

215. Para “que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos” (DAp 371) todo o Povo de Deus, clérigos, consagrados e leigos são convidados à partilha voluntária dos bens, à renúncia e a um espírito de pobreza, reconhecendo com gratidão os dons que Deus nos oferece em nossa vida

pessoal, mas também a gratidão pelas estruturas e materiais eclesiais – meios, e nunca fim para a missão. O desapego e a tão evocada “não ostentação” são um sinal do testemunho de Jesus que podemos e devemos dar. Neste espírito de abnegação, quanto mais livre nós e nossas comunidades somos, melhor poderemos colaborar internamente e com outras comunidades, de nossa própria Diocese. Ainda que não se tenha atingido todos os recursos materiais ou humanos desejados, somos convidados a nos mover, investir e corresponder ao mandato missionário do Mestre (cf. Mc 16,15).

Perspectivas Pastorais

216. As preocupações acima foram objeto de reflexão nas Sessões Sinodais realizadas pelas Áreas Pastorais e resultaram em modos concretos de serem acompanhadas. A seguir, serão apresentadas algumas sugestões, anseios, perspectivas ou pistas de ações pastorais, que se alinham às prioridades pastorais eleitas e representam elementos importantes para as Pastorais, Movimentos e Associações atuantes em nossa caminhada diocesana.



5. PISTAS DE AÇÃO PARA AS ÁREAS PASTORAIS

ÁREA PASTORAL 1 MINISTÉRIOS ORDENADOS E VIDA CONSAGRADA	SAIR Cada paróquia da diocese adotar uma paróquia irmã, indicadas e acompanhadas pelo Conselho Diocesano de Pastoral, por um período de três anos Favorecer as capelanias diocesanas por meio de consagrados e ministros ordenados com dedicação exclusiva aos diferentes ambientes de fragilidade humana (hospitais, casas de repouso, povo de rua, cemitérios) Revigorar o trabalho caritativo por meio da ação dos diáconos
	DESCENTRALIZAR Criar paróquias em áreas densamente populosas, ou geograficamente necessitadas mediante o esforço de toda diocese para obtenção e manutenção da infraestrutura física, financeira e pastoral Organizar Reuniões e atividades do núcleo da CRB distribuídas nas diversas regiões Rever a organização das regiões pastorais para que favoreçam a maior comunhão e dinamização da vida eclesial Rever os territórios paroquiais, para que as fronteiras não fiquem desamparadas e caso haja necessidade sejam criadas novas comunidades
	TROCAR EXPERIÊNCIAS Fomentar por meio da indicação da CRB assessores para as pastorais, movimentos e associações na diocese Manter presença efetiva no núcleo de todas as congregações nas reuniões do CRB e nos CRP's
	ORGANIZAR MELHOR A PASTORAL DE CONJUNTO Promover encontros regulares onde as pastorais das áreas tomem conhecimento dos objetivos e ações de cada Pastoral, Movimentos e Associações, em nível diocesano, regional e paroquial Articular ações conjuntas, que tenham o mesmo objetivo Traçar agenda conjunta Criar mecanismos de comunhão e sentido de pertença Organizar visitas mútuas entre as pastorais Criar subsídios orientativos de forma a uniformizar as ações pastorais, respeitando as características de cada região
	FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS Promover formações específicas de forma que desperte a consciência missionária utilizando-se de novas metodologias e tecnologias (assessoria profissional) Promover experiências missionárias
	ESPECIALIZAR ALGUMAS FUNÇÕES DIOCESANAS Desenvolver novas técnicas de liderança Criar Escola Diocesana de Liderança
	ÁREA PASTORAL 2 LAICATO, VIDA E FAMÍLIA

ÁREA PASTORAL 3 AÇÃO MISSIONÁRIA E COOPERAÇÃO INTERECLESIAL	FORMAR MISSIONÁRIOS Criar uma escola de Formação Missionária Incluir a disciplina de Missiologia nos cursos de teologia para os leigos e fortalecer esta dimensão na Formação Presbiteral
	AMPLIAR A CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA Promover retiros e formações com a temática Missionária Propagar o material do mês das missões Fortalecer a Caminhada Missionária Incentivar o clero (com formação) sobre a Campanha Missionária Organizar Visitas Missionárias Acompanhar as pós-visitas missionárias Identificar e articular as iniciativas missionárias existentes na Diocese Identificar áreas missionárias na Diocese e indicar aos organismos pastorais competentes as necessidades identificadas, buscando uma mobilização em favor destas
ÁREA PASTORAL 4 ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA	Criar Diretório Diocesano da Catequese e Iniciação à Vida Cristã Desenvolver um projeto para implantação do Itinerário Catequético em todas as idades Ampliar os trabalhos da Comissão Bíblico Pastoral e melhorar sua divulgação Esclarecer e sensibilizar o clero a respeito da mudança de paradigma na catequese em todas as idades Intensificar a formação para os catequistas
ÁREA PASTORAL 5 LITURGIA	Formar de modo integral (bíblico, eclesial, espiritual, prático) com elaboração de subsídios; proposição de orientações episcopais e inclusão das mídias sociais como meio de formação Assumir o Diretório Diocesano de Liturgia como Diretrizes oficiais Fortalecer a Comissão Diocesana de Liturgia ampliando a representatividade das paróquias Favorecer o acesso à informação pelos meios digitais
ÁREA PASTORAL 6 SERVIÇO DA CARIDADE, DA JUSTIÇA E DA PAZ	Criar o Vicariato para a Caridade Social à fim de articular ações conjuntas das pastorais sociais Organizar reuniões periódicas e formação permanente nesta área Criar um Centro de Referência na Diocese por cidade, para ter um atendimento social à comunidade em espaços já existentes Motivar ações para que as pessoas saiam da exclusão Elaborar projetos para sustentação financeira do Centro de Referência Melhorar o acolhimento e envolvimento dos padres na ação social, dando suporte às necessidades da missão

ÁREA PASTORAL
7
CULTURA,
EDUCAÇÃO E
COMUNICAÇÃO

Fazer um levantamento dos professores presentes em nossas paróquias e por meio deles criar espaços de presença nas escolas públicas

Fortalecer as estruturas de articulação e participação dos colégios católicos nos organismos diocesanos da Pastoral da Educação e Ensino Religioso

Criar diretrizes diocesanas para os colégios católicos com o objetivo de evitar contradições entre os ensinamentos, doutrinas católicas e o que se ensina na sala de aula

Assessorar os colégios católicos que sentirem necessidade no que diz respeito aos objetivos da educação em ambientes católicos

Apresentar os objetivos da Pastoral Universitária ao clero com vistas na implementação da Pastoral nas paróquias em regiões com Instituições Universitárias, ou que tenham agentes de pastoral ligados à Universidade

Continuar na busca do diálogo ecumênico e inter-religioso
Difundir o Diretório Ecumênico da CNBB

Continuar no esforço de articulação, formação e implantação da PASCOM nas paróquias

Organizar formações específicas sobre a forma de utilização dos modernos meios de comunicação social como ferramenta útil na evangelização

217. Conscientes de que, sem as raízes da Tradição não conseguimos fazer nada que dure na lógica do Reino de Deus, encerramos os delineamentos de nossa ação evangelizadora diocesana com a memória da Igreja primitiva. Através dela o testemunho de vida e fé dos seguidores de Jesus Cristo expressa sua capacidade de integrar-se ao mundo no qual se encontravam, e assim continuamos com um testemunho do século II vivido no mundo urbano – contexto semelhante ao nosso – e que nos inspira na evangelização: sem medo de nos esforçarmos para criar a cultura e desenvolver a espiritualidade do acolhimento e sentindo-nos sempre chamados à missão:

“Os cristãos não se distinguem dos outros, nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades à parte. Não falam língua diferente dos outros. Não levam gênero de vida fora do comum. [...] Alguns moram em cidades gregas, outros em cidades não gregas, conforme a sorte de cada um. Seguem os costumes de cada lugar no que diz respeito ao modo de vestir, à alimentação e ao resto da vida. [...] Na sociedade, ocupam uma posição admirável e, sem dúvida, contraditória. [...] Como cidadãos, participam de tudo, mas tudo suportam como se fossem estrangeiros”. (Carta a Diogneto. cap. V. Petrópolis: Vozes, 1984).





MODANSI SACRI ADUAE IN VITBO VITA

OCURRAMUS OMNES IN VIRUM PERFECTU

ÇÃO DE ENCERRAMENTO DO SÍNODO DIOCESANO - FOTO: SANDRA CASTANHATO

O CRISTO DA CAPA

A obra desenvolvida pelo artista Lúcio Américo de Oliveira é rica em elementos e símbolos.

Ao centro temos o mapa contendo as sete cidades que formam a Diocese de Santo André, no qual se sobrepõem os escritos que expressam sinteticamente as prioridades pastorais eleitas.

Na imagem, os braços do Cristo exercem uma dupla função. Um abraça, acolhe, convida: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28) e o outro envia: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15).

A representação gráfica do coração chagado de Jesus Cristo, bem como as chagas em suas mãos, retratam sua encarnação, pois Ele, mesmo "existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens" (Fl 2, 6-7). O Senhor quis vir ao nosso encontro e convida-nos, mesmo diante das chagas e feridas da vida, a sairmos de nossas comodidades e irmos ao encontro daqueles que mais precisam.

Ainda no que tange ao coração, observa-se saindo dele dois elementos: um representado pela cor vermelha e outro pela branca. Simbolizam respectivamente o sangue e água que jorram de seu peito aberto (cf. Jo 19,34), são derramados e permeiam as cidades do grande ABC.

PARTE IV

8º PLANO DIOCESANO DE PASTORAL





QUADROS DOS BISPOS DIOCESANOS (DO PRIMEIRO AO ATUAL) QUE ESTÃO NO HALL DA CÚRIA E A IMAGEM DE SANTO ANDRÉ

218. As presentes diretrizes pastorais diocesanas desejam refletir o objetivo geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: “evangelizar, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo” (DGAE)

219. Como esta caminhada não se inicia hoje, desejamos recordar os passos que foram dados ao longo de nossa história diocesana, no intuito de responder às necessidades da evangelização de acordo com as exigências de cada tempo.

1. BREVE HISTÓRICO DA ARTICULAÇÃO PASTORAL EVANGELIZADORA NO GRANDE ABC

220. A partir de 1975, a Igreja no Brasil não mais propôs um plano de ação em nível nacional. Passou a oferecer as Diretrizes Gerais para a Ação Pastoral, deixando os planos de ação para os níveis regional, diocesano e paroquial.



Foi à luz das Diretrizes Pastorais da Igreja no Brasil que a Diocese de Santo André elaborou seus quatro primeiros Planos de Pastoral, adotando sempre o objetivo geral da Igreja no Brasil e optando sempre por evangelizar-nos e evangelizar nosso povo. O 1º Plano Diocesano de Pastoral, de 1979 a 1981 teve por prioridades a Pastoral Familiar, as CEBs e a Pastoral do Mundo do Trabalho.

221. Para o 2º Plano Diocesano de Pastoral (1984/1988), fruto da discussão e participação das paróquias e comunidades, foi decidido em Assembleia, priorizar a Catequese, manter as CEBs e a Pastoral do Mundo do Trabalho. Neste plano foi aprofundada a Doutrina Social da Igreja como meio de evangelizar o mundo do trabalho.

222. No 3º Plano, as prioridades definidas, para os anos de 1989 a 1991, tiveram como foco a Formação de Agentes de Pastoral, Comunidades Eclesiais de Base e Pastoral Operária.

223. O 4º Plano Diocesano de Pastoral foi elaborado, em 1992, sob a inspiração das conclusões da Conferência de Santo Domingo e propôs o trabalho pastoral em torno de 8 eixos: 1. Adesão a Jesus Cristo; 2. Renovado Ardor Mis-

sionário; 3. Oração e Liturgia; 4. Evangelização Inculturada da Cidade; 5. Promoção Humana; 6. Leigos; 7. Renovação da Paróquia e das relações interparoquiais em vista da realidade da cidade; 8. Formação de Agentes de Pastoral e de Pastores.

224. Durante o período de vigência do 4º Plano, nossa diocese manteve seu foco nos preparativos para o novo milênio e posteriormente um período de Sede Vacante de nossa Diocese. Por isso, o 5º Plano Diocesano de Pastoral só foi promulgado em assembleia reunida no ano de 2006. Foram escolhidas as prioridades a partir das quatro exigências intrínsecas da Evangelização: Serviço, Diálogo, Anúncio e Testemunho de Comunhão. Para cada uma das exigências, foram criadas comissões que desenvolveram uma ação a cada ano.

225. O 6º Plano Diocesano de Pastoral, a partir de uma longa estrutura de participação e reflexão criada em torno do tríplice múnus: Palavra de Deus, Liturgia e Caridade foi promulgado em 2010, com ações previstas até 2012. Para o ano de 2010 o foco foi no fortalecimento e criação de uma escola de liturgia para uma formação permanente; em 2011 trabalhar com a rede de comunidades para desenvolvimento de uma espiritualidade bíblica, doutrinal e evangelizadora; e, por fim, em 2012 fortalecimento da Pastoral Familiar.

226. No 7º Plano, foram eleitas cinco urgências para a evangelização: 1ª - Igreja em estado permanente de missão, 2ª Igreja: casa de iniciação à vida cristã, 3ª Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral, 4ª Igreja: comunidade de comunidades, 5ª Igreja a serviço da vida plena para todos. Tempo de vigência: 2013-2015.

2. O PROCESSO SINODAL

227. Tendo em vista esta relevante tradição no planejamento pastoral em nossa Diocese, podemos nos perguntar: qual a relação entre os Planos de Pastoral anteriores e o atual? Normalmente, aqueles eram elaborados a partir da convocação de uma Assembleia Diocesana de Pastoral, ao passo que este se origina da celebração de um Sínodo Diocesano, o primeiro de nossa história.

228. Ao término da vigência do 7º Plano Diocesano, a Coordenação Diocesana de Pastoral, ao vislumbrar a organização da Assembleia para pensar e elaborar o presente plano, tomou consciência de que a metodologia utilizada para as Assembleias anteriores refletia uma tradição eclesial muito antiga, baseada num processo que se intitula Sínodo.

229. Por isso, para a elaboração do presente Plano Diocesano de Pastoral, a Igreja no Grande ABC motivou, por meio do seu Sínodo, pesquisas, estudos e reflexões acerca da realidade diocesana e de sua ação evangelizadora, explicitados nessa Constituição Sinodal. Com a participação de todas as expressões eclesiais, foram organizadas Sessões Sinodais Gerais (com a participação de cerca de 420 membros sinodais convocados). Também ocorreram Sessões Sinodais por Áreas Pastorais (com representantes das Pastorais/Movimentos/Associações). Houve ainda Sessões em cada uma das paróquias e nas Regiões Pastorais, que resultaram em dez propostas de prioridades (advindas de cada uma das dez Regiões que compõem a organização do território diocesano). Apresentamos as três propostas eleitas em Assembleia Sinodal que fundamentaram a elaboração deste 8º Plano Diocesano de Pastoral com vigência para o quinquênio 2018–2022.



FOTO: PASCOM DIOCESANA



3. PRIORIDADES PASTORAIS ELEITAS

- Acolhimento em suas duas dimensões importantes (Cultura e Espiritualidade do Acolhimento);
- Uma Igreja em saída e em estado permanente de missão;
- Ação missionária permanente para fortalecer a presença da Igreja junto aos mais pobres nas periferias, aos cristãos católicos afastados, aos doentes e aos grupos necessitados de motivação e acolhida.

FOTO: PASCOM DIOCESANA

4. ENTENDENDO AS PRIORIDADES PASTORAIS

O que é Acolhimento / Acolhida?

230. Acolhimento diz respeito à ação, ao ato de acolher, e o verbo acolher designa recepção, hospitalidade, hospedagem. Vale lembrar a Carta aos Hebreus que diz “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos.” (Hb 13,2). O Acolhimento é uma atitude cortês, inclusiva, de aprovação, de quem olha não o exterior, mas é capaz de ver Cristo naquele que está enxergando. Por isso, não se trata apenas de uma “acolhida” nem de uma “pastoral da acolhida”, mas de uma atitude a ser aprendida, transmitida, comunicada e vivenciada por meio de gestos, por amor e temor a Deus, por se fazer obediente ao mandamento do Senhor que diz, “amai-vos” (Jo 15). A extensão da acolhida se faz a tantos quantos Deus ama, aos quais é nossa missão acolher. Mas a quem ele ama? Ele ama a todos que criou em seu amor. Deste modo nossa acolhida deve ser a todos a quem devemos chegar no desejo de realizar nosso sonho missionário (cf. EG 31).

231. Faz-se urgente gerar no interior de nossas comunidades tanto a cultura como a espiritualidade do acolhimento porque, por um lado é necessário criar postura educacional para lidar com as pessoas, com as situações e mesmo com o mundo em que vivemos. Por outro lado, tudo isso deve ser movido por um temor ao Senhor, por uma percepção de que há um Deus que nos ama, que nos quer perto, cujo modo de O reconhecermos é no culto (Sacramentos), no acolhimento das pessoas como se acolhêssemos o próprio Jesus, sendo o modo de se fazer isso, a vivência dos Mandamentos (Caridade) e na intimidade com o Senhor (Oração). O verdadeiro acolhimento passa por uma unidade entre essas três dimensões: Sacramentos-Mandamentos-Oração e gera comunidades humanizadas e humanizadoras, na perspectiva do Reino de Deus.

232. Essa urgência se apresenta mediante nossa realidade que demonstra não se amar verdadeiramente a Jesus por não se amar o irmão como se deve; por não cultuar a Deus como se deve e por não viver a intimidade com Deus como se deve. Enquanto alguns estão sedentos, outros estão querendo “preservar” a sua água para que ela não se acabe e poucos estão dispostos a dar de beber.

O que é Missão? O que é ser missionário?

233. A palavra “missão” designa o envio para cumprir uma tarefa. Na esfera cristã, missão inclui “tarefa”, “envio”, “testemunho”, “diálogo” e “evangelização”.

234. A natureza missionária da Igreja tem sua origem no envio do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai (cf. AG 2). Sua estrutura é trinitária porque ela é “Povo de Deus”, “Corpo do Senhor” e “Templo do Espírito Santo” (cf. LG 17). A missão da Igreja é anunciar Jesus Cristo, evangelizar, acolher, defender a plenitude da vida de todos e a integridade da vida de cada um. Missão inclui os espaços particulares e coletivos, e, ao mesmo tempo, ultrapassa todas as fronteiras geográficas, étnicas e culturais, chegando a todas as periferias existenciais. A missão é relacional e multidimensional como as pessoas e comunidades. Exige sair de si, viver “em saída” para ir ao encontro do outro em atitude de acolhimento.

235. Em virtude do batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário, é um sujeito da evangelização, tem obrigação e goza do direito, individualmente e em comunidade, de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida

e recebida por todos os homens e por toda a terra (cf. Mt 28, 19). Ser missionário é perceber que “assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo.” (*Carta a Diogneto*, cap. VI. Petrópolis: Vozes, 1984). Esta atividade está intimamente associada à base espiritual, à vida de oração pessoal e comunitária, à frequência na recepção dos Sacramentos, à acolhida da misericórdia, ao testemunho da unidade e à reta formação doutrinária. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus: “começou imediatamente a proclamar que Jesus era o Filho de Deus” (cf. At 9, 20).



BATIZADO NA PARÓQUIA JESUS BOM-PASTOR EM SANTO ANDRÉ - FOTO: EQUIPE NATALIA PEPE FOTOGRAFIA

5. ACOLHIMENTO É MISSÃO

236. Ao término do processo sinodal, chegou-se à conclusão, com base nos estudos e reflexões realizadas ao longo do caminho, de que as prioridades pastorais eleitas para nortear a ação evangelizadora de nossa Igreja local não estão separadas, mas estão intrinsecamente ligadas e compõem um todo. Assim, acolhimento e missão constituem exigências inseparáveis de um mesmo agir eclesial.

237. A Diocese de Santo André contempla na Virgem Maria, imagem da Igreja, a síntese dessas características: acolhendo em seu seio o Verbo encarnado, realizou a peregrinação da fé seguindo seu Filho em missão desde a visita a Isabel, passando pelas bodas de Caná (início dos sinais de Jesus, segundo a teologia joanina) e, entre tantos episódios, permanecendo junto aos apóstolos nos primórdios da Igreja no Pentecostes. Assim, invocando a intercessão e seguindo o exemplo da Mãe de Deus, queremos que nossa ação evangelizadora no quinquênio 2018-2022 seja norteadada pela seguinte prioridade: *"SER UMA IGREJA QUE FORTALEÇA A CULTURA E ESPIRITUALIDADE DO ACOLHIMENTO EM PERMANENTE AÇÃO MISSIONÁRIA"*.

6. PLANO DE AÇÃO PASTORAL

238. O plano de ação a seguir está estruturado a partir das atividades apontadas pelas três prioridades eleitas, organizadas de forma a ficarem integradas num único grande Projeto de Ação Pastoral Evangelizadora. As atividades estão distribuídas, de acordo com seus objetivos, em oito Itinerários Pastorais, a saber:

- 1. Convivência e oração comunitária**
- 2. Formação para o discipulado**
- 3. Conversão para o acolhimento**
- 4. Comunicação e evangelização**
- 5. Formação para missão**
- 6. Setorização**
- 7. Visitas missionárias**
- 8. Ação solidária**



TRABALHADORES EM DIADEMA - FOTO: THALES STADLER

ITINERÁRIO 1

Convivência e oração comunitária

OBJETIVO

Fortalecer o sentimento de pertença e comunhão na vida comunitária

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Organizar eventos paróquias (retiros, confraternizações, encontros informais) utilizando-se de profissionais, membros atuantes na Igreja, aptos para cada área de interesse pastoral, de forma que promova a interação entre os agentes de pastoral	Paróquia	CPP	junho/2018
Motivar e organizar atividades para uma vida comunitária orante de forma a criar um ambiente de oração e acolhimento do próprio Jesus em sua casa: Lectio Divina comunitária, Seminários de oração, Liturgia das horas, Adoração, Rosário e Missas Dominicais com momentos de silêncio, de oração, de meditação	Paróquia	CPP	Frequência diária ou semanal



MISSA REGIONAL DE CORPUS CHRISTI - MAJÁ - PASCOM DIOCESANA

ITINERÁRIO 2

Formação para o discipulado

OBJETIVO

Proporcionar um itinerário de vivência com Jesus

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Preparar subsídios formativos para formação paroquial sobre o querigma e iniciação à vida cristã	Diocese	Comissão Teológico-Bíblico-Pastoral	2º Semestre/2018
Preparar subsídios formativos para formação paroquial sobre a cultura e espiritualidade do acolhimento	Diocese	Comissão Teológico-Bíblico-Pastoral	2º Semestre/2018
Preparar os agentes pastorais e lideranças para serem multiplicadores da cultura e espiritualidade do acolhimento nas paróquias	Diocese	Coordenação Diocesana de Pastoral	1º Semestre/2019
Preparar os agentes pastorais e lideranças para serem multiplicadores da prática do querigma e iniciação à vida cristã nas paróquias	Diocese	Coordenação Diocesana de Pastoral	1º Semestre/2019
Realizar dias ou semana de formação paroquial, com ênfase nas práticas de acolhimento	Paróquia	CPP	1º Semestre/2019
Realizar dias ou semana de formação paroquial, com ênfase na prática sobre o querigma e aprofundamento da iniciação à vida cristã	Paróquia	CPP	1º Semestre/2019
Preparar materiais formativos que colaborem para a conversão pessoal	Diocese	Comissão Teológico-Bíblico-Pastoral	2º Semestre/2018
Promover com mais frequência celebrações penitenciais	Paróquia	Padre e equipe de liturgia	junho/2018

ITINERÁRIO 3

Conversão para o acolhimento

OBJETIVO

Fortalecer as estruturas de acolhimento nas comunidades: "receber o outro é acolher Jesus"

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Criar uma rede de pessoas que se responsabilize uns pelos outros de forma planejada dando atenção especial aos que se afastam	Paróquia	Pastorais, movimento e associações	junho/2018
Organizar momentos celebrativos, formativos e de fraternidade para o acolhimento de novos membros nas atividades pastorais	Paróquia	CPP	junho/2018
Adequar os horários conforme a necessidade da comunidade	Diocese e Paróquia	Padre e CPP	junho/2018
Preparar os funcionários e atendentes paroquiais para que sejam profissionais acolhedores, educados e receptivos	Diocese e Paróquia	Diocese e Paróquias	2º semestre 2018
Criar canais de escuta em todos os níveis pastorais que proporcione o diálogo e a vivência da correção fraterna	Diocese, Região e Paróquia	CDP, CRP, CPP	junho/2018
Ter um cronograma paroquial de atendimento e acompanhamento das pastorais	Paróquia	Pároco	junho/2018
Qualificar membros das comunidades para questões de segurança e de emergência (formação com profissionais da área)	Paróquia	CPP	Anuais

ITINERÁRIO 4

Comunicação e evangelização

OBJETIVO

Fortalecer os canais de comunicação para melhor evangelizar

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Viabilizar uma rede comunicativa, como por exemplo: whatsapp paroquial, um telefone em que as pessoas possam buscar informações, página de facebook, quadro de avisos, boletins ou outros meios.	Diocese e Paróquia	PASCOM e CPP	junho/2018
Criar e fortalecer a PASCOM	Diocese e Paróquia	PASCOM e CPP	junho/2018



FOTO: PASCOM DIOCESANA

ITINERÁRIO 5

Formação para missão

OBJETIVO

Desenvolver a consciência missionária nas pastorais, movimentos e associações, fortalecendo a organização das ações missionárias

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Integrar as pastorais, movimentos e associações na ação missionária utilizando-se das estruturas/atividades já existentes de forma a criar comunidades fraternas eminentemente missionárias	Paróquia	CPP	junho/2018
Elaborar subsídio diocesano para fortalecer a consciência missionária	Diocese	COMIDI	2º Semestre/2018
Constituir Escola de Formação Missionária contínua e capacitar lideranças para serem multiplicadores na região e paróquias (Equipe itinerante diocesana). A formação deve valorizar a dimensão bíblica, a consciência missionária e as técnicas de abordagem	Diocese	Coordenação Diocesana de Pastoral e COMIDI	1º Semestre/2019
Fazer levantamento da existência de COMIREs e COMIPAs	Diocese e Região	CDP e CRP	junho/2018
Criar e fortalecer COMIREs e COMIPAs	Região e Paróquia	CRP e CPP	2º Semestre/2018
Capacitar agentes de pastoral em geral e missionários visitantes	Região e Paróquia	CRP- CPP e Agentes multiplicadores	2º Semestre/2019
Animar e divulgar a ação missionária, por exemplo, através de: feiras, eventos populares diocesanos, Celebrações da Palavra em locais fora do templo, shows, programa missionário de rádio, folders, cartazes, faixas, internet, jornal.	Diocese, Região e Paróquia	COMIDI, COMIRE e COMIPA	1º Semestre/2019

ITINERÁRIO 6

Setorização

OBJETIVO

Identificar as potencialidades e fragilidades da área paroquial, constituindo comunidades capazes de responder mais rápida e concretamente às necessidades de cada setor

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Fazer levantamento da área da paróquia	Paróquia	CPP	2º Semestre/2018
Dividir a área paroquial por setores missionários de acordo com o perfil e necessidades de cada área	Paróquia	COMIPA e CPP	2º Semestre/2018
Designar, orientar e acompanhar um coordenador missionário para cada setor	Paróquia	COMIPA	1º Semestre/2019
Elaborar fichas de cadastro para identificar as diferentes urgências e necessidades dos paroquianos	Diócese	Coordenação Diocesana de Pastoral	2º Semestre/2018
Cadastrar paroquianos com as fichas preparadas de forma que favoreça a ação missionária de todas as pastorais, movimentos e associações	Paróquia	CPP	1º Semestre/2019

ITINERÁRIO 7

Visitas Missionárias

OBJETIVO

Dinamizar a ação evangelizadora para levar a todos o Evangelho de Jesus Cristo

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Elaborar cronograma anual para as visitas missionárias	Região e/ou Paróquia	COMIRE, COMIPA e CPP	2º Semestre/2019
Integrar os grupos de visitantes das paróquias nas visitas	Região e/ou Paróquia	COMIRE, COMIPA e CPP	2º Semestre/2019
Realizar as visitas missionárias utilizando como exemplo as missões realizadas em 2016	Entre paróquias, em residências, condomínios, hospitais, asilos, clínicas de recuperação, presídios e outras instituições	COMIRE, COMIPA e CPP	1º Semestre/2020
Organizar eventos pós visitas com as pessoas que foram visitadas	Região e/ou Paróquia	COMIRE, COMIPA e CPP	1º Semestre/2020
Avaliar as visitas periodicamente	Região e/ou Paróquia	COMIRE, COMIPA e CPP	1º Semestre/2020



VISITAS PASTORAIS MISSIONÁRIAS NO GRANDE ABC - FOTO: PASCOM

ITINERÁRIO 8

Ação solidária

OBJETIVO

Buscar meios para suscitar ações de solidariedade

ATIVIDADES	ONDE	RESPONSÁVEL	INÍCIO
Criar um cadastro diocesano para maior eficácia da assistência social.	Diocese, Região e Paróquia	CDP, CRP e Pastorais Sociais	2º Semestre/2018
Desenvolver ações com foco no auxílio e na partilha por meio de coleta de alimentos, campanhas de agasalho, criar caixa para necessidades emergenciais, etc.	Diocese, Região e Paróquia	CAED e CAEP e Pastorais Sociais	2º Semestre/2018
Promover encontros, formações, reuniões e acompanhamento das Pastorais Sociais	Diocese e Região	CRP e Pastorais Sociais	2º Semestre/2018
Elaborar e distribuir material gráfico que destaque mensagens de solidariedade, perdão, misericórdia e compaixão. Esse material gráfico poderá ser utilizado em visitas, exemplo: - a enfermos (mensagens de ânimo, passagens bíblicas); - aos paroquianos (incentivando a fé e a partilha com os necessitados e sofredos); - aos enlutados (falando da nossa fé além dessa vida) etc	Diocese e Paróquia	Comissão Teológico-Bíblico-Pastoral e Coordenação Diocesana de Pastoral	2º Semestre/2018
Organizar visitas e plantões aos velórios	Região e Paróquia	Padres, ministros e pastorais	2º Semestre/2018
Promover acolhimento e oração junto às famílias enlutadas	Paróquia	Padres, ministros e pastorais	junho/2018
Criar Vicariato Episcopal para Caridade Social	Diocese	Vigário Episcopal	2º Semestre/2018

EM NOME DE JESUS,
DESEJO ABENÇOAR TODOS OS QUE TOMARAM PARTE
E SE DEDICARAM NA REALIZAÇÃO DE NOSSO
PRIMEIRO SÍNODO DIOCESANO.
CONVOCO NOSSA IGREJA DE SANTO ANDRÉ
A SE EMPENHAR NA EXECUÇÃO DE SUAS RESOLUÇÕES,
PARA QUE VENHA O REINO DE DEUS,
E ELE SEJA GLORIFICADO,
CUMPRINDO ASSIM NOSSA IGREJA,
A SUA MISSÃO!

SÃO BERNARDO DO CAMPO, GRANDE ABC, 6 DE ABRIL
DO ANO DA GRAÇA DO SENHOR DE 2018,
OITAVA DA PÁSCOA.

+ Pedro Carlos Djellini





AGRADECIMENTO

Queridos irmãos e irmãs, na alegria de humildemente continuar seguindo o caminho proposto pelo único Mestre e Senhor, Jesus Cristo, aqui estamos para fazer a sua vontade.

Agora você já tem em mãos o fruto da caminhada que envolveu toda nossa Igreja Particular de Santo André em seu primeiro Sínodo Diocesano. Eis o que o Espírito Santo, que tanto invocamos, nos inspirou. Estivemos reunidos com nosso bispo, presbíteros, diáconos, todos os consagrados e consagradas, membros dos conselhos de pastoral paroquiais e regionais, membros de pastorais, movimentos e associações presentes e atuantes em nossa diocese, enfim, muitos participaram para que chegássemos a estas conclusões.

Entre falhas e acertos realizamos o nosso Sínodo, o caminho realizado foi desafiador, mas não temos dúvidas de que desafio maior nos espera agora: colocar em prática o que refletimos, realizar as mudanças que constatamos necessárias.

Rogaremos e trabalharemos para que o espírito do Sínodo Diocesano continue e produza frutos por suas proposições, contidas no 8º Plano Diocesano da Pastoral, que pautará a ação pastoral evangelizadora de nossa Igreja Diocesana no próximo quinquênio (2018-2022).

Agradecemos de coração todos os que se envolveram no processo sinodal: aos que de uma forma ou de outra participaram. Uma especial palavra de gratidão às Comissões do Sínodo (Comunicação, Liturgia, Redação e Secretaria), sem as quais não teria sido possível este caminho, nem tampouco os resultados alcançados.

Rogamos a Santo André Apóstolo, padroeiro de nossa Diocese e à Virgem Maria, a Senhora do Carmo, que o sonho missionário de chegar a todos (EG 31) seja vivenciado numa Igreja sempre mais acolhedora em permanente atitude missionária.

Pe. Joel Nery
Vigário Episcopal para a Pastoral

SÍNODO DIOCESANO (2016-2018)

Atividades do Sínodo Diocesano

Convocação - Catedral Nossa Senhora do Carmo - SA (13/11/16)

Abertura e 1ª Sessão Geral - Externato Santo Antônio - SCS (3/12/16)

2ª Sessão Geral - Basílica Nossa Senhora da Boa Viagem - SBC (12 e 13/05/17)

3ª Sessão Geral - Instituto Sagrada Família - SA (9 e 10/06/17)

Sessões por Áreas Pastorais - 2 cada Área na Cúria Diocesana (2017)

Sessões Paroquiais - 3 em cada Paróquia (2017)

Sessões Regionais - 2 em cada uma das 10 Regiões Pastorais (2017)

Assembleia Sinodal - Externato Santo Antônio - SCS (15/11/17)

Missa de Encerramento - Matriz da Paróquia Sagrada Família - SCS (15/11/17)

Entrega da Constituição Sinodal - CENFORPE - SBC (06/04/18)

Comissões

Comunicação

Liturgia

Redação

Secretaria

Constituição Sinodal

Dom Pedro Carlos Cipollini

Comissão de Redação do Sínodo Diocesano

Revisão gramatical

Diácono Vinícius Ferreira Afonso

Osmarina Pazin Baldon

Capa

Lúcio Américo de Oliveira

Fotografia

Acervo Diocesano/ Ágata Suzane/ Comunicação do Sínodo

Didão Barros/ Drones Show/ Equipe Natalia Pepe Fotografia

Fernanda Marqui/ Harpiacam/ Jéssica Carvalho

Pe. Paulo Afonso/ Sandra Castanhato/ Thales Stadler

Pascons Paroquiais/ Pascom Diocesana

Diagramação

Departamento de Comunicação Diocesano

Impressão

Fipe Artes Gráficas Ltda



www.dioceses.org.br
Telefone: +55 11 4469-2077

Praça do Carmo, 36 - Centro,
Santo André - SP, 09010-020